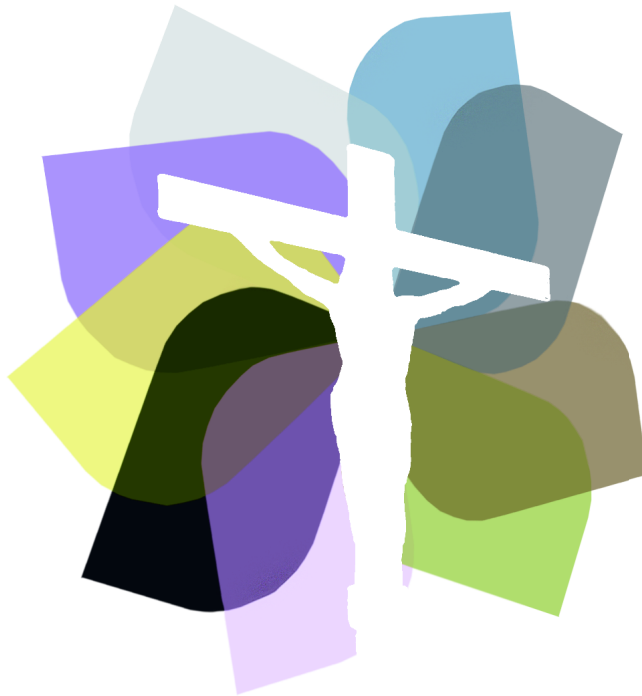


Orientações Diocesanas de Pastoral para a Caminhada Sinodal



A beleza de caminharmos juntos em Cristo

**Programa e Calendário Diocesano
Açores, 2019-2020**

Sumário	3
1. Aprovação do Programa Pastoral Diocesano	5
2. Programa Pastoral Diocesano 2019/20	7
3. Calendário Diocesano 2019/20	22
4. Notas e Comunicados:	41
4.1 Sobre o Ano Missionário (CEP)	41
4.2 Do Conselho Presbiteral (2019)	47
4.3 Da Vigararia para a Formação do Povo de Deus	49
5. Temas para a Formação do Povo de Deus:	51
5.1 Os Sinais dos Tempos na Constituição Pastoral GS	51
5.2 Para uma Teologia da Sinodalidade	58
5.3 A Beleza de Caminharmos Juntos	66
6. Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal	74
7. Calendário geral.....	75

Aprovação do Programa Pastoral 2019 – 2020

«A Beleza de Caminharmos Juntos em Cristo»

A caminhada sinodal a que nos propomos a nível diocesano, embora se revista de novidade, na verdade prossegue a dinâmica pastoral que se fundamenta no Concílio Ecuménico Vaticano II.

Esta metodologia que pretende mobilizar todos os baptizados a integrarem-se na comunidade cristã e nela participarem activamente, assenta na realidade da Igreja Povo de Deus, a viver a Comunhão e a ser corresponsável pela missão da mesma Igreja.

Neste próximo ano, segundo o que foi pedido pelo Conselho Presbiteral, iremos ocupar-nos em aprofundar a visão sobre a realidade da nossa sociedade, da nossa cultura e da nossa Igreja. Como vamos realizar esta análise da realidade a partir da nossa fé cristã, chamamos a este dinamismo a Teologia dos Sinais dos Tempos, através dos quais reconhecemos não só as interpelações de Jesus Cristo à nossa Igreja mas sobretudo a edificação do Reino de Deus que o Espírito Santo está a operar no meio do mundo em que vivemos.

Para este trabalho de reflexão são convocados todos os baptizados na nossa diocese. Exige-se que em cada paróquia se renove o Conselho Pastoral e se mobilizem os leigos responsáveis de grupos, de movimentos ou de instituições católicas. A par com estes grupos já organizados, deve-se proporcionar que os leigos que desejem possam agrupar-se para ajudarem na partilha da sua reflexão.

A seu tempo serão enviados os materiais que servirão de orientação para a reflexão das temáticas da caminhada sinodal para este ano pastoral.

Exige-se a participação de todas as paróquias. Para isso, pede-se que desde já comecem a elaborar o plano de actuação

ao longo do próximo ano.

Tendo em conta os objectivos propostos e reconhecendo que dele poderá advir o incremento de vida cristã para a diocese, aprovo o programa pastoral para este próximo ano.

Angra do Heroísmo, 25 de Julho de 2019

+ *João Lavrador, Bispo de Angra
e Ilhas dos Açores*

A Igreja Diocesana em Caminhada Sinodal **«A beleza de caminharmos juntos em Cristo»**

A nossa diocese vai incrementar mais a participação de todos os fiéis batizados na vida das comunidades cristãs. A este desafio chamamos caminhada sinodal.

Há épocas na história colectiva e na vivência das comunidades cristãs que se exige uma refontalização de modo a adquirir novas energias, a sintonizar melhor com o ideal evangélico e a situar a missão evangelizadora como resposta adequada ao mundo em que vivemos.

Neste sentido, urge continuamente percorrer os caminhos dos Evangelhos e a inspiração que nos vem das primeiras comunidades cristãs que de maneira única e singular souberam professar a fé em Jesus Cristo, o único Salvador, mas também nos oferecem um modelo notável de diálogo entre a fé cristã e a cultura da época que serve de permanente guia no compromisso de evangelizar o mundo.

Mas igualmente é obrigatório para todo o cristão consciente da sua responsabilidade no ser e no agir como discípulo de Jesus Cristo conhecer e aprofundar a reflexão Conciliar do Vaticano II. A ele estamos vinculados pela fidelidade a Deus e á missão de evangelização do mundo de hoje.

Nestes contextos que deverão merecer a nossa constante preocupação descobrimos a exigência da caminhada cristã em estilo sinodal.

1. O que se entende por caminhada sinodal

Passados mais de cinquenta anos da realização do Concílio Ecuménico Vaticano II, já deveria estar assumido na consciência da maioria dos cristãos, sobretudo os mais responsáveis na missão da Igreja, senão a expressão, pelo menos o que ela significa.

Mas infelizmente isto não acontece. Ainda é uma expressão estranha da qual ouvimos falar quando se refere ao sínodo dos bispos ou, então, ultimamente nas palavras do Papa Francisco a exigir uma Igreja em caminhada sinodal.

A palavra sínodo significa caminhar em conjunto, ou melhor, caminho percorrido em comum. Quando falamos em caminhada sinodal estão perante uma expressão que repete o mesmo conceito porque quando referimos «sínodo» já inclui a caminhada. Porém, fica mais explícito o que se pretende, que não é tão só um acontecimento mas sobretudo uma caminhada que manifeste um estilo próprio de ser comunidade na qual todos os baptizados são chamados a participar activamente.

Neste sentido, pretende-se a nível de cada paróquia, movimento, organismo, instituição, que integram a diocese, que todos e cada um dos baptizados se sintam pertença de uma comunidade cristã concreta e que dela participe activamente, seja na análise dos problemas, seja nas propostas de solução, seja no seu compromisso de ser membro activo na missão evangelizadora nos diversos campos em que esta se desenvolve.

2. A caminhada sinodal exige formação cristã

Não será difícil de reconhecer que um dos entraves à participação lúcida e activa dos cristãos se deve à deficiente formação integral onde se inclui a dimensão cristã.

Precisamos de melhorar a catequese das crianças e adolescentes, formar melhor os catequistas e motivar cada vez mais os pais para a sua responsabilidade na catequese dos filhos.

Agora que temos a Exortação Pos-sinodal do Papa «Cristo Vive» que orienta a evangelização dos jovens, urge recolher dela os dinamismos que ajudem a estruturar uma verdadeira pastoral de jovens que atenda ao seu protagonismo, à sua inserção na comunidade cristã, aos modelos de formação pró-

prios da sua idade e ao incentivo à missão que lhes cabe na vida da Igreja e na sociedade na qual vivem.

Há muito que é referida a urgência da formação cristã de adultos. A Igreja aponta para uma catequese de modelo catecumenal, de itinerário de iniciação cristã, cujos conteúdos e processos estão já bem delineados seja no Ritual de iniciação cristã de adultos, seja em várias publicações. Aliás, na formação dos adultos está a relevância de uma comunidade verdadeiramente evangelizada.

Os leigos são chamados a assumir responsabilidades nas diversas áreas da vida pastoral das comunidades cristãs. É uma exigência e uma urgência. Graças a Deus contamos já com um bom número de leigos que se entregam generosamente à missão que lhes compete na evangelização seja na comunidade, seja no mundo. Porém, fica sempre a questão da formação adequada para tal exercício.

Esta formação não poderá ser tão só de estilo académico, mas terá de ser de estilo vivencial e de resposta à actividade e às solicitações com que se deparam os diversos agentes de evangelização. Terá de pautar por uma formação integral, intelectual, humana, pastoral, espiritual, sacramental e comunitária.

Neste contexto, exige-se uma formação básica de teologia que ofereça um conhecimento das verdades fundamentais da fé cristã e reflexão sobre as problemáticas que se colocam às ciências teológicas.

Como resposta a esta exigência, a diocese está a caminhar na promoção das Escolas de Ouvidoria de Formação Cristã que são coordenadas pela Vigararia da Formação e pelo Instituto Católico de Cultura.

Caminhar em conjunto na participação activa na missão da Igreja exige a adequada formação. Urge uma forte sensibilização para que todos os cristãos se disponibilizem para a conveniente formação.

3. Comunidades cristãs a viverem a comunhão e corresponsáveis na missão

Há já vários anos que temos insistido no facto de as paróquias e demais comunidades caminharem na edificação da comunhão e da corresponsabilidade entre todos os baptizados. É uma exigência do Concílio e absolutamente necessária na identidade da comunidade cristã.

Passados cinquenta anos da realização do Concílio Vaticano II e mais de dois mil da proposta cristã de Jesus de Nazaré, é uma identidade fundamental que está por fazer.

Pelo que vamos verificando, falta espírito de comunhão nas paróquias e nos diversos organismos da Igreja. Por isso, toda acção da Igreja, desde a formação, passado pela celebração dos mistérios da fé, até à exigida partilha fraterna, deve conduzir à edificação da comunhão eclesial.

Pensar numa Igreja em caminha sinodal é partir do pressuposto de que desejamos viver em comunhão eclesial. Aliás, a eficácia deste estilo de ser e de actuar que é definido por caminhada sinodal terá de contar com a vontade de construir a comunhão.

Esta comunhão eclesial vive-se em diversos círculos. Começa por ser uma exigência de vida e testemunho dos sacerdotes que devem primar por um presbitério que sente a alegria de fortalecer laços de comunhão entre todos os seus membros; alarga-se à comunidade cristã de modo que seja visível um núcleo comunitário que testemunhe a comunhão eclesial; ainda na paróquia, os diversos grupos, movimentos e instituições devem fortalecer os laços de comunhão cristã entre eles; por último, o cume de toda a comunhão eclesial está na diocese que deve ser testemunha de comunhão e de unidade no meio do mundo onde vive.

Quanto temos de aperfeiçoar, quanto esforço teremos de despende e quanta graça divina devemos implorar para viver a comunhão autêntica.

Na relação com a comunhão eclesial está a corresponsabilidade de todos os batizados pela missão da Igreja na evangelização do mundo.

Deste modo, comunhão e corresponsabilidade são realidades integrantes da caminhada sinodal. Ou melhor ainda, a caminhada sinodal exige a vivência da comunhão autêntica e da corresponsabilidade consciente e activa.

4. A centralidade da Eucaristia na Caminhada Sinodal

É notória a deficiente consciência do lugar da Eucaristia na vida da Igreja, de cada comunidade cristã e de cada cristão.

Há vários motivos que poderemos apontar, tais como um novo estilo de vida das pessoas que gera conflito com a participação na Eucaristia dominical, o laicismo que na dimensão mais individualista retira o sentido de pertença e de participação comunitária, a ritualização da Eucaristia, a gestão religiosa tão só no foro interno, mas sobretudo a deficiente formação cristã e a falta de uma verdadeira iniciação cristã.

Todos teremos de descobrir a centralidade da Eucaristia na vida da comunidade cristã e na vivência de cada um, a sua relação comunitária e a descoberta de Jesus Cristo vivo feito alimento da vida e da missão do cristão e da comunidade cristã.

Na verdade, como afirma S. João Paulo II, «do mistério pascal nasce a Igreja»(EdE, 3). Aliás, «a Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial» (ib. 3). De facto, «isto é visível desde as primeiras imagens da Igreja que nos dão os Actos do Apóstolos: “Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão, e às orações” (2, 42)» (Ib, 3). Realmente, «na “fracção do pão”, é evocada a Eucaristia» (Ib, 3). Reconhecemos, deste modo, que «dois mil anos depois, continuamos a realizar aquela imagem primordial da Igreja» (Ib, 3). E, assim, «ao fazê-lo na celebração eucarística, os olhos

da alma voltam-se para o Tríduo Pascal: para o que se realizou na noite de Quinta-feira Santa, durante a Última Ceia, e nas horas sucessivas» (Ib.,3).

A Eucaristia é uma experiência que exige o maior cuidado de quem preside, de todos os que nela têm ministérios e serviços e de todos os que nela participam. A Eucaristia deve primar pelo mistério oferecido e acolhido, mas pela beleza e simplicidade, pela Palavra Sagrada e pela interioridade.

A Eucaristia não serve para tudo e nela não cabe tudo. Ninguém tem o direito de alterar a Eucaristia que merece o maior cuidado e respeito, sendo da responsabilidade da Igreja saber como ela deve ser alimento para os seus filhos.

Colocarmo-nos na atitude de caminhada sinodal exige uma redescoberta do fundamento e da centralidade da Eucaristia na vida da comunidade cristã. Sem este propósito ficaríamos descentrados e sem os verdadeiros fundamentos para uma caminhada séria e consistente.

Na verdade, o mistério Eucarístico é tão rico e abrangente que quem se colocar na contemplação e na meditação de tão excelso mistério e do que Ele contém, floresce nele uma alegria única e singular que só de Deus pode brotar, reconhece a Jesus Cristo vivo que se comunica e dialoga, obtém o sentido novo para a sua existência e sente-se impelido para viver a comunhão divina com os seus irmãos, participa activamente na comunidade cristã e abre-se para a missão no meio do mundo.

Para o cristão baptizado, discípulo de Jesus Cristo, o enfoque da sua vida está em Jesus Cristo que se quer oferecer permanentemente na Eucaristia. Desde os primórdios do cristianismo que os cristãos obedeceram ao mandato de Jesus de Nazaré reunindo-se ao domingo, dia da ressurreição, a páscoa semanal, para celebrarem a alegria da vida nova de Jesus Cristo da qual participavam pelo baptismo e que se alimentava na Eucaristia.

É esta realidade sempre nova que somos chamados a viver. Também hoje, a partir de uma recta formação cristã, somos chamados a descobrir e a empenharmo-nos na vivência eucarística que nos conduza à vivência de uma comunidade cristã que seja testemunha do amor revelado por Deus ao mundo de hoje.

5. Caminhada sinodal exige o despertar de ministérios e serviços

À medida que se cresce numa verdadeira formação cristã, que aumenta a consciência da participação activa na celebração Eucarística e noutros sacramentos, que se edifica uma comunidade orante e testemunhante, vai crescendo a necessidade de promover os diversos ministérios que o Espírito de Deus quer oferecer à Sua Igreja para a edificação da comunidade cristã e para a evangelização do mundo.

Temos vivido numa Igreja demasiado clerical que, apesar de todos os apelos do Papa, não se prontifica a avançar por caminhos decididamente evangélicos.

Esta situação só se alterará quando, nos reconhecermos distintos nas funções eclesiais, nos ministérios e carismas, mas na unidade do mesmo baptismo e do mesmo Espírito Santo.

Só quando os leigos ocuparem a responsabilidade que lhes compete, quando os religiosos e consagrados forem testemunhas da radicalidade dos valores evangélicos no meio da comunidade cristã, quando o sacramento da ordem for exercido nos seus três graus, de Bispo, Presbítero e Diácono, então, sim, estaremos a edificar uma autêntica comunidade cristã toda ela ministerial e na diversidade de serviços.

Mais ainda, como exige o Concílio Ecuménico Vaticano II, aos leigos compete por responsabilidade própria a fermentação evangélica das realidades do mundo no qual vivem.

Se é uma contínua preocupação o despertar as vocações

sacerdotais, religiosas e consagradas, é igualmente necessário despertar nas comunidades cristãs a vocação para o matrimônio cristão e para os diversos serviços em ordem à evangelização.

Já que o sacerdote tem um papel fundamental na paróquia, a ele compete presidir, orientar, acompanhar, formar, despertar vocacionalmente e integrar nos adequados serviços eclesiais, apelamos para um renovado esforço na edificação de comunidades eucarísticas que primem pela ministerialidade e diversidade de serviços.

6. Atenção privilegiada aos jovens

Há poucos dias o Papa Francisco, dirigindo-se aos jovens, dizia: «Vós sois o hoje de Deus, o hoje da Igreja! Não sois tão só o futuro, não, sois o hoje (...) Hoje a Igreja necessita de vós para ser plenamente ela mesma. Como Igreja vós sois o Corpo do Senhor Ressuscitado presente no mundo» (Alocução aos participantes no Fórum Internacional de Jovens, 22 de Junho de 2019).

Já no papel que os jovens têm na renovação da Igreja, o Papa Francisco afirma que «são precisamente os jovens que a podem ajudar a permanecer jovem, não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, não se transformar numa seita, ser mais pobre e testemunhal, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade» (CV, 37). E sublinha ainda dizendo que «os jovens podem conferir à Igreja a beleza da juventude, quando estimulam a capacidade “de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas”» (Ib. 37).

Na verdade a Igreja deve estar interessada nos jovens, cada comunidade cristã deve saber integrá-los e estes devem ajudar a paróquia a saber dialogar com eles no contexto da sua cultura e das suas novas linguagens.

A caminhada sinodal implica a participação activa dos jovens. Eles têm de ter um protagonismo relevante dos diversos movimentos, grupos e comunidades; devem ocupar as responsabilidades que lhes competem nas estruturas eclesiais; e sobretudo deve abrir-se-lhes o caminho para a evangelização dos jovens, companheiros de sonhos e aspirações, a necessitarem de se encontrarem com Jesus de Nazaré o verdadeiro amigo dos jovens.

Ligando a pastoral juvenil à caminhada sinodal, o Papa Francisco diz que «a pastoral juvenil só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um “caminhar juntos” que implica “a valorização – através dum dinamismo de corresponsabilidade – dos carismas que o Espírito dá a cada um dos membros [da Igreja], de acordo com a respectiva vocação e missão. (...) Animados por este espírito, poderemos avançar para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a de grupos, associações e movimentos. Ninguém deve ser colocado nem deixado colocar-se de lado”» (CV, 206).

Mas o nosso olhar coloca já na preparação e na realização das Jornadas Mundiais da Juventude que em 2022 serão em Lisboa.

É uma oportunidade única para unirmos a caminha sinodal, à pastoral juvenil e ao impulso renovador que certamente virá a partir deste acontecimento que já demonstrou os seus frutos e que agora nos vem agradecer com a realização em território português.

7. Caminhada sinodal integradora dos excluídos

Uma das características da sociedade actual é a marginalização e a exclusão. Esta poderá manifestar-se na pobreza,

na fome, na delinquência, no analfabetismo, ou na exclusão cultural ou mesmo religiosa.

Caminhar em comum exige que seja mesmo com todos e para todos. Cada cristão consciente da sua fé e cada comunidade cristã a viver autenticamente do Evangelho terão de abraçar todas as realidades humanas, tocá-las, não para ficarem na mesma mas com o objectivo de as transformar de modo que a dignidade humana e o bem comum sejam salvaguardados.

Atendendo às sondagens e ao meio que nos envolve, a nossa diocese está caracterizada por elevados índices de exclusão. Já muito trabalho no domínio da pastoral social se tem realizado, mas parece insuficiente. Neste caminhar em conjunto e participação activa de todos teremos de equacionar novos modelos de promoção que vão ao encontro dos excluídos dando-lhe o protagonismo necessário para a sua autonomia.

Mas também, se torna necessário o estudo da melhor forma de oferecer os meios para que essa autonomia e promoção sejam salvaguardadas.

Hoje, há a consciência que a comunidade é absolutamente necessária para uma verdadeira integração e para se ultrapassarem os estigmas da marginalização. Na verdade temos estado a trabalhar muito com grupos e serviços e pouco com o envolvimento da comunidade.

Atendendo ao exemplo singular que nos é dado nas primeiras comunidades cristãs, a par com o anúncio da Boa Notícia de Jesus de Nazaré e a celebração dos mistérios da fé, havia o compromisso da partilha fraterna de modo não havia nenhum necessitado no seio da comunidade.

Eis o exemplo a seguir que nos servirá de permanente referência e de adequada concretização na actualidade.

8. A caminhada sinodal deve envolver a família

Ano após ano, temos colocado nos programas pastorais a

pastoral familiar a desenvolver em cada paróquia, em cada Ouvidoria, em cada Vigararia e na diocese no seu todo.

Não poderá ser de outra maneira, dada a importância da família para a Igreja e para a sociedade, e reconhecendo como a família está num contínuo desmoronamento, teremos de forçosamente colocar todo o empenho numa adequada pastoral familiar que ofereça resposta evangélica à família de hoje.

De facto a paróquia e cada comunidade cristã deve configurar-se como família de famílias. Há um dinamismo próprio entre a família e a comunidade cristã de tal modo que a família beneficia a comunidade cristã e esta ajuda a vivência familiar.

Assim, num percurso de caminhada sinodal, teremos de prestar atenção à família, dar-lhe o protagonismo que a ela compete, oferecer os dinamismos necessários para a família seja verdadeiramente a Igreja doméstica e suscitar nas famílias o seu papel evangelizador.

Desde a auscultação da realidade eclesial, social e cultural que nos irá ocupar nas reflexões do próximo ano, passando pelas linhas de actuação pastoral a necessitar de serem implementadas e renovadas, ter-se-á de implicar as famílias.

Na verdade, «a família é o âmbito da socialização primária, porque é o primeiro lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver» (AL, 276). Aliás, «a tarefa educativa deve levar a sentir o mundo e a sociedade como “ambiente familiar”: é uma educação para saber “habitar” mais além dos limites da própria casa» (AL, 276).

Já que no contexto familiar, ensina-se a recuperar a proximidade, o cuidado, a saudação, de facto «é lá que se rompe o primeiro círculo do egoísmo mortífero, fazendo-nos reconhecer que vivemos junto de outros, com outros, que são dignos da nossa atenção, da nossa gentileza, do nosso afecto» (AL, 276). Sem dúvida, «não há vínculo social, sem esta primeira

dimensão quotidiana, quase microscópica: conviver na proximidade, cruzando-nos nos vários momentos do dia, preocupando-nos com aquilo que interessa a todos, socorrendo-nos mutuamente nas pequenas coisas do dia-a-dia» (AL, 276).

Reconhece-se, então, que «a família tem de inventar, todos os dias, novas formas de promover o reconhecimento mútuo» (AL, 276).

Está bem patente o entrelaçar da função da família no que toca à sua vivência, à sua expressão e compromisso social e ao seu carácter evangelizador.

9. A caminhada sinodal exige a participação dos movimentos apostólicos

Se estamos perante um caminho em conjunto, ninguém poderá ficar de fora. Numa Igreja de comunhão todos se devem sentir a integrar a comunidade cristã.

Os movimentos apostólicos são uma riqueza que o Espírito Santo oferece à Igreja. Mais ainda, numa sociedade secularizada, a qual na sua maioria está afastada da prática cristã e da participação comunitária é importantíssimo o papel dos movimentos na evangelização do mundo.

Já o Papa S. João Paulo II se referia ao contributo dos movimentos dizendo que «a agregação dos fiéis leigos por motivos espirituais e apostólicos brota de várias fontes e vai ao encontro de diversas exigências: exprime, de facto, a natureza social da pessoa e obedece ao imperativo de uma mais vasta e incisiva eficácia operativa» (ChL, 29).

Segundo as suas palavras, «na verdade, a incidência “cultural” fonte e estímulo e, simultaneamente, fruto e sinal de todas as demais transformações do ambiente e da sociedade, só se pode alcançar com a acção, não tanto dos indivíduos, mas de um “sujeito social”, isto é, com a acção de um grupo, de uma comunidade, de uma associação, de um movimento» (ChL, 29).

E, de facto, «isso é particularmente verdade no contexto de uma sociedade pluralista e fragmentada — como é, em tantas partes do mundo, a actual — e perante os problemas tornados enormemente complexos e difíceis» (ChL, 29). Na verdade, «sobretudo num mundo secularizado, as várias formas agregativas podem representar para muitos uma ajuda preciosa em favor de uma vida cristã coerente, com as exigências do Evangelho e de um empenhamento missionário e apostólico» (ChL. 29).

Não integrar, não acompanhar, não prestar a devida assistência e não promover a comunhão eclesial será uma ofensa à actuação do Espírito de Cristo, uma desvalorização do papel da comunidade cristã e uma falta grave para com a evangelização do mundo de hoje.

Muito pelo contrário, os movimentos são absolutamente imprescindíveis para a evangelização do mundo, da sociedade e da cultura actual.

10. A beleza de caminhar juntos com Cristo

Este é o lema dos próximos anos. É muito sugestivo e interpelante. Convida a descobrir a beleza do amor que se entrelaça com a fé e anima a verdadeira esperança. O cristianismo é Jesus Cristo vivo que se manifesta e vive numa beleza que só quem a descobre poderá saborear. Mas este caminho exige uma caminhada em conjunto, caminhada sinodal.

Neste primeiro ano iremos analisar a realidade que somos: a nossa sociedade, a nossa cultura e a nossa Igreja.

Vamos todos empenharmo-nos nesta análise que nos faz descobrir a realidade do hoje em que vivemos. Fazemo-lo com olhos de crentes. Isto significa que procuramos aprofundar o que o Concílio Vaticano II chama os sinais dos tempos que a par com a Escritura, a Tradição viva da Igreja e o Magistério, são reveladores de Deus.

Nas palavras do Concílio Vaticano II, para levar a cabo a missão evangelizadora, «é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas» (GS, 4). De facto, «é, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático» (GS, 4).

O porquê desta necessidade de investigar os sinais dos tempos está, segundo o Concílio vaticano II, no facto de que «a humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra» (GS, 4). Aliás, «provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas» (GS, 4).

Estas atingem tais proporções «que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa» (GS, 4).

É com espírito de fé lúcida, com o intuito de melhor evangelizar e com o desejo de corresponder à missão da Igreja no nosso tempo que todos os baptizados são chamados a fazer esta análise à realidade em que vivemos.

Vamos ser ajudados com alguns textos que nos serão disponibilizados e que a partir de alguns questões nos pedem a nossa resposta para a reflexão que será feita nos órgãos próprios da diocese da qual sairá um conjunto de perspectivas de acção pastoral que novamente serão lançadas à diocese para serem discutidas e reflectidas em ordem à elaboração de orientações pastorais que ajudem a melhor evangelizar no contexto da nossa diocese.

Para este trabalho de reflexão convocam-se todas e cada

uma das paróquias nomeadamente através dos Conselhos pastorais paroquiais; grupos de catequistas; grupos da liturgia; grupos de pastoral social; confrarias e irmandades; grupos informais que se juntem para este efeito.

Convocam-se os serviços diocesanos que através da sua estrutura dinamizarão esta reflexão no sector a que se dedicam.

Convocam-se os movimentos de apostolado para que em todos os grupos se realize esta reflexão.

Convocam-se os Institutos Religiosos e de Vida Consagrada para realizarem esta reflexão no âmbito de cada comunidade.

Convida-se, onde for possível, que se organizem debates abertos a toda a sociedade para escutar todos aqueles que queiram ajudar a Igreja diocesana a encontrar a melhor resposta para o diálogo com o mundo de hoje.

Será divulgada um esquema de oração que deve acompanhar todas as reuniões e celebrações da comunidade cristã e dos grupos e haverá também alguns subsídios para a liturgia de modo a centrarmos toda esta acção no coração de Deus.

Colocamos toda a esta nossa caminhada sinodal sob a protecção do beato João Batista Machado e implorando as bênçãos de Nossa Senhora Mãe e Rainha dos Açores.

Calendário Diocesano 2019/2020

Setembro de 2019

- 01 - Domingo - Festa do Senhor Santo Cristo da Caldeira – São Jorge (Santuário Diocesano)
- 02 - Segunda Feira - (2-4) – Encontro de Formadores dos Seminários – Bragança
- 03 - Terça Feira -
- 04 -Quarta Feira -
- 05 - Quinta Feira -
- 06 - Sexta Feira -
- 07 - Sábado -
- 08 - Domingo - Festa de N^a. S^a. dos Milagres da Serreta, Terceira (Santuário Diocesano)
- 09 - Segunda-feira - Jornada de apresentação do Programa Pastoral para o clero da Vigararia Centro, Seminário de Angra - 10h00
 - Lançamento do novo ano pastoral para os Religiosos e Leigos, Membros dos Conselhos Pastorais de Ouvidorias, Paróquias e Movimentos Eclesiais, Seminário de Angra - 20h00
- 10 - Terça-feira - Lançamento do novo ano pastoral para os Religiosos e Leigos, Membros dos Conselhos Pastorais de Ouvidorias, Paróquias e Movimentos Eclesiais (Salão do Bom Pastor, Horta) 20h00
- 11 - Quarta Feira - Jornada de apresentação do Programa Pastoral para o clero da Vigararia do Ocidente (Horta) 10h00
- 12 - Quinta Feira - Jornada de apresentação do Programa Pastoral para o clero da Vigararia do Nascente (Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada) 10h00
 - Lançamento do novo ano pastoral para os Religiosos e Leigos, Membros dos Conselhos Pastorais de Ouvidorias, Paróquias e Movimentos Eclesiais (Centro Pastoral do Pio XII) 20h00
- 13 - Sexta Feira - Jubileu de Ouro do P. José Constância -

Relva

14 - Sábado (14-23) - Visita Pastoral à Ouvidoria das Capelas

15 - Domingo -

16 - Segunda Feira - Entrada dos Alunos do Seminário de Angra

17 - Terça Feira - Conselho de Professores do Seminário de Angra

18 - Quarta Feira - Clero da Ouvidoria de Ponta Delgada – Centro Pastoral Pio XII

- Início do ano lectivo no Seminário de Angra

19 - Quinta Feira - Responsáveis das Catequeses Paroquias da Ouvidoria de Ponta Delgada – Centro Pastoral Pio XII

20 - Sexta Feira -

21 - Sábado -

22 - Domingo -

23 - Segunda Feira -

24 - Terça Feira - (24-25) – Sensibilização para novos catequistas das Ouvidorias de Ponta Delgada e Capelas – Centro Pastoral Pio XII

25 - Quarta Feira-

26 - Quinta Feira - Conselho Pastoral da Ouvidoria de Ponta Delgada – Centro Pastoral Pio XII

- (26-27) – Sensibilização para novos catequistas das Ouvidorias da Ribeira Grande e Fenais de Vera Cruz – Ribeirinha

- (26-27) - Jornadas Nacionais da Comunicação Social - (Fátima)

27 - Sexta Feira -

28 - Sábado - Vigília Missionária – Sete Cidades - São Miguel

- Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada

29 - Domingo

30 - Segunda Feira - Encontro diocesano de coordenadores das Pastoral Juvenil - Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada

Outubro de 2019 (Mês Missionário)

01 - Terça Feira – Início das atividades do Renovamento Carismático em S. Miguel – Igreja de Nossa Senhora das Mercês

(1-2) – Sensibilização para novos catequistas das Ouvidorias de Nordeste e Povoação – Nordeste

(1-9) - Visita Pastoral à Ouvidoria de Fenais de Vera Cruz

02 - Quarta Feira - (2-3) - Jornadas de pastoral juvenil na ilha do Pico

03 - Quinta Feira - (3-4) – Sensibilização para novos catequistas das Ouvidorias de Vila Franca do Campo e Lagoa – Vila Franca do Campo

04 - Sexta Feira - (4-6) - Jornadas de pastoral juvenil na ilha das Flores

05 - Sábado - Encontro dos Religiosos da Ouvidoria de Ponta Delgada – Colégio de São Francisco Xavier

06 - Domingo - Início do ano pastoral em todas as Paróquias

07 - Segunda Feira -

08 - Terça Feira -

09 - Quarta Feira -

10 - Quinta Feira -

11 - Sexta Feira -

12 - Sábado - Reunião geral do Instituto Católico de Cultura no Centro Pastoral Pio XII em Ponta Delgada

13 - Domingo - Núcleos da LIAM na Matriz de Vila Franca do Campo

14 - Segunda Feira -

15 - Terça Feira - CPM – Ribeira Grande

16 - Quarta Feira - Aniversário da dedicação da Catedral

17 - Quinta Feira -

18 - Sexta Feira - Dia dos Bens Culturais da Igreja

- 19 - Sábado - Vigília Missionária – Povoação
- Colóquio sobre o Coração de Jesus – Fátima
- 20 - Domingo - Encerramento do ano missionário – Peregrinação Nacional (A.O.) a Fátima
- Assembleia geral e encontro dos responsáveis do Movimento dos Romeiros de São Miguel – Lagoa
- 21 - Segunda Feira -
- 22 - Terça Feira - Celebração Eucarística de abertura das atividades da Pastoral Universitária no início do ano académico (Ponta Delgada)
- 23 - Quarta Feira - Celebração de abertura do ano lectivo no Seminário Maior – Angra
- 24 - Quinta Feira - (24 e 25) - Jornadas diocesanas da Comunicação Social – Angra do Heroísmo, Salão do Seminário Maior
- 25 - Sexta Feira - (25-27) – Jornadas Nacionais de Catequistas – Fátima
- 26 - Sábado - Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 27 - Domingo -
- 28 - Segunda Feira - Encontro do Bispo Diocesano com os Religiosos da Terceira – Casa de São Francisco – Angra
- 29 - Terça Feira - Conselho Episcopal Diocesano – Angra
- 30 - Quarta Feira -
- 31 - Quinta Feira -

Novembro de 2019

- 01 - Sexta Feira – Solenidade de Todos os Santos
- Encerramento do ano Missionário na Ouvidoria de Ponta Delgada - Igreja do Colégio, 18H00
- (1-3) – Encontro Matrimonial na Ilha de S. Jorge
- 02 - Sábado - Comemoração dos Fieis Defuntos
- 03 - Domingo - Dia da Diocese
- Jubileu dos 60 anos do Serviço Diocesano da Catequese

- Conselho Pastoral da Ouvidoria do Pico
- 04 - Segunda Feira -
- 05 - Terça Feira -
- 06 - Quarta Feira -
- 07 - Quinta Feira -
- 08 - Sexta Feira -
- 09 - Sábado - Aniversário da fundação do Seminário de Angra
- Formação para os Romeiros de São Miguel
- 10 - Domingo (10-17) - Semana dos Seminários
– Festa de Nossa Senhora da Paz – Vila Franca do Campo
- 11 - Segunda Feira (11-14) - Reunião da Conferência Episcopal (Fátima)
(11-15) – Retiro do Prado para Padres Diocesanos – Fátima
- 12 - Terça Feira -
- 13 - Quarta Feira - Dia da Memória e da Gratidão (SDECM)
– Salão do Seminário – Angra
- 14 - Quinta Feira - (14-17) – Curso Geral de Catequistas – Catequética- Ouvidoria de São Jorge
- 15 - Sexta Feira - (15-17) – Encontro Shalom 41 – São Miguel
- 16 - Sábado- Dia do Catequista em Santa Maria
- Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- (16 e 17) - Assembleia Diocesana do Renovamento Carismático – Ponta Delgada, Auditório Camões
- (16-17) – Retiro do Prado para Leigos – Fátima
- 17 - Domingo - Dia do Pobre
- Festa de Santa Cecília – Ouvidoria da Horta
- 18 - Segunda-feira (18-20) - Encontro dos Padres mais novos (até dez anos de ordenação) – Pico
- (18 – 19) – Assembleia geral da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal – Fátima
- (18 – 23) – Semana da Ouvidoria – Ouvidoria da Lagoa

- 19 - Terça Feira -
- 20 - Quarta Feira - (20-27) – Peregrinação à Terra Santa (SDMH)
- 21 - Quinta Feira - (21-24) Curso Geral de Catequistas (Psicologia) – Vila Nova
- 22 - Sexta Feira - Festa de Santa Cecília em Angra – Sé
- 23 - Sábado - Reflexão sobre o Advento para os Religiosos da Terceira – Casa de São Francisco – Angra
- Formação para os Romeiros de São Miguel
- 24 - Domingo - Domingo de Cristo Rei do Universo – Dia da Ouvidoria da Lagoa
- 25 - Segunda Feira- (25-29) - Semana Bíblica. Ouvidoria de Ribeira Grande sobre o Evangelho de S. João
- 26 - Terça Feira -
- 27 - Quarta Feira -
- 28 - Quinta Feira -
- 29 - Sexta Feira - Recolecção de Advento para o Clero da Vigararia do Ocidente (Madalena – Pico)
- 30 - Sábado – Dia do Catequista de São Miguel –Lagoa

Dezembro de 2019

- 01 - Domingo - 1º Domingo do Advento
- Ordenações Diaconais e Instituição no ministério de Leitores – Angra
- Tarde de reflexão sobre o Advento para os Religiosos de São Miguel – Colégio de São Francisco Xavier – Ponta Delgada
- Retiro de Catequistas da ilha do Pico
- 02 - Segunda Feira - Recolecção de Advento para o Clero da Vigararia do Nascente (Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada)
- 03 - Terça Feira - Recolecção de Advento para o Clero da Vigararia do Centro (Seminário Maior - Angra)
- 04 - Quarta Feira -
- 05 - Quinta Feira -

06 - Sexta Feira -
07 - Sábado -
08 - Domingo - Solenidade da Imaculada Conceição – Angra
(Santuário Diocesano)
- «Jesus na Cidade» - Pastoral Juvenil – Ponta Delgada
09 - Segunda Feira - (9-10) Formação litúrgica para grupos
corais em São Miguel
10 - Terça Feira - Recolecção de Advento para o Clero das
Flores e do Corvo – Santa Cruz das Flores
- (10-15) - Visita Pastoral à Ouvidoria da Povoação
11 - Quarta Feira - (11-13) Jornadas de Pastoral Litúrgica
12 - Quinta Feira - (12-13) - Formação litúrgica para grupos
corais em São Miguel
13 - Sexta Feira -
14 - Sábado -
15 - Domingo -
16 - Segunda Feira -
17 - Terça Feira - Aniversário do Papa Francisco
18 - Quarta Feira -
19 - Quinta Feira -
20 - Sexta Feira -
21 - Sábado - Retiro dos Catequistas de São Miguel – Nor-
deste
22 - Domingo - Celebração de Natal com Jovens – Pastoral
Juvenil
23 - Segunda Feira -
24 - Terça Feira - Início do CPM – Pico
- Encerramento do 1º. Semestre do ano lectivo no Seminário
de Angra
25 - Quarta Feira - Solenidade do Natal do Senhor
26 - Quinta Feira -
27 - Sexta Feira -
28 - Sábado - Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio
XII – Ponta Delgada

- Festa de São Tomás de Aquino – Seminário de Angra
- 29 - Domingo - Domingo da Sagrada Família de Nazaré
– Festa da Sagrada Família organizada pelo Encontro Matrimonial
- 30 - Segunda Feira -
- 31 - Terça Feira -

Janeiro de 2020

- 01 - Quarta Feira - Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus e Dia Mundial da Paz
- 02 - Quinta Feira -
- 03 - Sexta Feira -
- 04 - Sábado - Celebração da Infância Missionária na Ouvidoria da Praia da Vitória – Fonte do Bastardo
- 05 - Domingo - Celebração da Infância Missionária na Ouvidoria de Angra do Heroísmo – São Mateus
- 06 - Segunda Feira -
- 07 - Terça Feira -
- 08 - Quarta Feira (8-15) - Visita Pastoral à Ouvidoria da Graciosa
- 09 - Quinta Feira -
- 10 - Sexta Feira -
- 11 - Sábado -
- 12 - Domingo - Dia da Infância Missionária em São Miguel – Lomba da Maia
- 13 - Segunda Feira - (13-15) - Jornadas Bíblicas sobre as Cartas de S. João - Ouvidoria de Capelas)
- 14 - Terça Feira -
- 15 - Quarta Feira -
- 16 - Quinta Feira - (16-17) – Jornadas de Formação Cristã – Instituto Católico de Cultura – Ponta Delgada – Centro Pastoral Pio XII
- (16-18) - Jornadas de Liturgia na Ilha do Corvo
- 17 - Sexta Feira -
- 18 - Sábado - (18-25) – Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos

- 19 - Domingo - Dia Diocesano da Palavra de Deus
- Reflexões com o Livro do Apocalipse - Ouvidoria da Povoação
- Retiro Espiritual dos Romeiros de São Miguel
- 20 - Segunda Feira -
- 21 - Terça Feira -
- 22 - Quarta Feira -
- 23 - Quinta Feira - (23-26) Curso Geral de Catequistas na Terceira (Doutrina) – Vila Nova
- 24 - Sexta Feira - (24 -26) – 18º FDS Açores – Ponta Delgada, Centro Pastoral Pio XII
- 25 - Sábado - Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- Encontro Nacional de Referentes da Pastoral da Cultura (Fátima)
- 26 - Domingo – (26-2) – Semana da Vida Consagrada
- 27 - Segunda Feira (27-31) - 1º Turno de Retiro para o Clero – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 28 - Terça Feira - (28-30) - Jornadas de Liturgia em São Miguel
- 29 - Quarta Feira - (29-5) – Peregrinação à Terra Santa (SDMH)
- 30 - Quinta Feira -
- 31 - Sexta Feira -

Fevereiro de 2020

- 01 - Sábado - Vigília de Oração pelos Consagrados – Casa de São Francisco – Angra
- Voto da Ilha do Faial ao Senhor Santo Cristo – Praia do Almoxarife
- 02 - Domingo - Dia do Consagrado e da Universidade Católica Portuguesa
- Dádiva de sangue dos Romeiros de São Miguel
- 03 - Segunda Feira (3-7) - 2º Turno de Retiro para o Clero – Angra (Santa Catarina)

(3-4) – Jornadas Bíblicas do Pico
(3-5) – Jornadas Formativas da Catequese – Ponta Delgada –
Centro Pastoral Pio XII
04 - Terça Feira – Início do CPM – Vila Franca do Campo
(4-6) - Jornadas de Liturgia nas Ilhas das Flores
05 - Quarta Feira -
06 - Quinta Feira - Jornada de Pastoral Juvenil – Graciosa
- (6-8) - Jornadas Formativas em Santa Maria
07 - Sexta Feira - (7-9) – III Shalom Diocesano – Graciosa
08 - Sábado -
09 - Domingo - Celebração anual do Cabido da Catedral
10 - Segunda Feira - Conselho Episcopal Diocesano – Angra
- (10-12) – Jornadas Formativas na Ribeira Grande
11 - Terça Feira - Festa de N^a. S^a. de Lurdes
- Dia Mundial do Doente
- Início do 2^o. Semestre do ano lectivo no Seminário de An-
gra
- (11-13) – Jornadas Bíblicas do Renovamento Carismático -
Igreja de Nossa Senhora das Mercês – São Miguel
12 - Quarta Feira - Encontro dos Reitores dos Santuários Dio-
cesanos (Pico)
13 - Quinta Feira -
14 - Sexta Feira - Retiro quaresmal das Comunidades das Flo-
res
15 - Sábado -
16 - Domingo - Assembleia geral e encontro do Movimento
dos Romeiros de São Miguel – Lagoa
17 - Segunda Feira - 17 – CPM Fenais da Ajuda
18 - Terça Feira - Aniversário Natalício de D. João Lavrador,
Bispo Diocesano
19 - Quarta Feira -
20 - Quinta Feira -
21 - Sexta Feira Recolecção de Quaresma para o Clero da
Vigararia do Ocidente (Horta)

- 22 - Sábado -
- 23 - Domingo - Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 24 - Segunda Feira -
- 25 - Terça Feira -
- 26 - Quarta Feira - Celebração do início da Quaresma (Cinzas)
- Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia do Centro – Seminário Maior de Angra
- 27 - Quinta Feira - Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia Nascente – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 28 - Sexta Feira - CPM - Fenais da Ajuda
- 29 - Sábado - Início das Romarias Quaresmais em São Miguel de São Miguel

Março de 2020

- 01 - Domingo -1º Domingo da Quaresma
-Tarde de reflexão sobre a Quaresma para os Religiosos de São Miguel – Casa das Irmãs Hospitaleiras do S. C. de Jesus – Ponta Delgada
- 02 - Segunda Feira - (2-4) – Encontros de Reflexão promovidos pela Ouvidoria da Praia da Vitória
(2-6) - Retiro dos Bispos da Conferência Episcopal (Fátima)
- 03 - Terça Feira -
- 04 - Quarta Feira -
- 05 - Quinta Feira - (5-12) – Peregrinação à Terra santa (SDMH)
- 06 - Sexta Feira -
- 07 - Sábado – Retiro Espiritual da Mensagem de Fátima em São Miguel – Água de Pau
- Retiro Espiritual de Catequistas em São Miguel – Capelas (7 – 8) – Retiro do Movimento Carismático – Ponta Delgada, Centro Pastoral Pio XII

08 - Domingo -
09- Segunda Feira -
10 - Terça Feira -
11 - Quarta Feira (11-24) - «Desafios para a Vida religiosa»
para os Consagrados – Casa de São Francisco – Angra
- Visita Pastoral à Ouvidoria de S. Jorge
12 - Quinta Feira -
13 - Sexta Feira -
14 - Sábado -
15 - Domingo - Dia da Cáritas
16 - Segunda Feira - (16-18) - Jornadas de Liturgia na ilha do
Pico
17 - Terça Feira -
18 - Quarta Feira -
19 - Quinta Feira - São José - Dia do Pai
20 - Sexta Feira -
21 - Sábado - (21-22) «24 Horas para o Senhor»
22 - Domingo -
23 - Segunda Feira -
24 - Terça Feira -
25 - Quarta Feira (25- 27) - Jornadas de Teologia no Seminá-
rio de Angra
26 - Quinta Feira -
27 - Sexta Feira -
28 - Sábado -
29 - Domingo - Dia Diocesano do Doente
30 - Segunda Feira -
31 - Terça Feira – Via Sacra promovida pelo Movimento Ca-
rismático – Bairros Novos – Ponta Delgada

Abril de 2020

01 - Quarta Feira -
02 - Quinta Feira - Recolecção de Quaresma para o Clero de
Flores e Corvo – no Corvo

- 03 - Sexta Feira -
- 04 - Sábado – Noite de preparação para a Páscoa promovido pelo Encontro Matrimonial – Santuário do Senhor Santo Cristo
 - Vigília de oração pela jornada mundial da juventude
- 05 - Domingo - Domingo de Ramos
 - Jornada Mundial da Juventude
- 06 - Segunda Feira - Celebração da Eucaristia com a Renovação das promessas Sacerdotais para o Clero da Vigararia do Nascente (Igreja Matriz de Ponta Delgada – 12 horas)
 - Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 07 - Terça Feira - Celebração da Eucaristia com a Renovação das promessas Sacerdotais para o Clero da Vigararia do Ocidente (Pico – 12 horas)
- 08 - Quarta Feira - Celebração da Missa Crismal (Sé de Angra – 20 horas)
- 09 - Quinta Feira - Celebração da Ceia do Senhor
 - Termo das Romarias Quaresmais em São Miguel
- 10 - Sexta Feira – Celebração da Paixão e Morte do Senhor
- 11 - Sábado - Celebração da Vigília Pascal
- 12 - Domingo - Celebração do Domingo da Ressurreição
- 13 - Segunda Feira - (13-17) Retiro espiritual para o clero – São Mateus do Pico (Promovido pela Ouvidoria do Pico)
- 14 - Terça Feira -
- 15 - Quarta Feira - CPM – Ribeira Grande
- 16 - Quinta Feira -
- 17 - Sexta Feira - «Sentimentos e emoções na vida religiosa» para os consagrados da Terceira – Casa de São Francisco
- 18 - Sábado - (18-19) – Aniversário da Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz
- 19 - Domingo -
- 20 - Segunda Feira (20-23) - Reunião da Conferência Episcopal Portuguesa (Fátima)

21 - Terça Feira -
22 - Quarta Feira -
23 - Quinta Feira -
24 - Sexta Feira -
25 - Sábado - Encontro Diocesano de Coordenadores/Animadores de Pastoral Juvenil – Ilha Terceira
- Vigília de Oração pelas Vocações
26 - Domingo - Instituição no Ministério de Acólitos - Angra
- Dia Diocesano da Família - Vila Franca do Campo
- Dia do Romeiro – Vila Franca do Campo
(26-3) Semana de Oração Pelas Vocações
27 - Segunda Feira -
28 - Terça Feira -
29 - Quarta Feira -
30 - Quinta Feira - Conselho Episcopal Diocesano – Ponta Delgada
(30-3) - Conselho Presbiteral e Conselho Pastoral Diocesano (Centro Pastoral Pio XII) – Ponta Delgada

Maio de 2020

02 - Sábado -
03 - Domingo - Dia da Mãe
(3-14) – Crismas na Ouvidoria da Praia da Vitória
04 - Segunda Feira - Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria das Capelas – Pilar da Bretanha
05 - Terça Feira - Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria de Vila Franca do Campo – Água de Alto
06 - Quarta Feira -
07 - Quinta Feira -
08 - Sexta Feira -
09 - Sábado -
10 - Domingo – Festa de São Miguel Arcanjo, padroeiro da Ilha – Vila Franca do Campo

- (10-17) - Semana da Vida
- 11 - Segunda Feira - Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria de Ponta Delgada (poente) – Sete Cidades
- Aniversário da Visita do Papa João Paulo II aos Açores
- 12 - Terça Feira - Vigília de N^a. S^a. de Fátima
- Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria Ribeira Grande – Santa Bárbara
- 13 - Quarta Feira - Festa de N^a- S^a. de Fátima
- 14 - Quinta Feira - Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria da Povoação – Lomba do Loução
- 15 - Sexta Feira - Dia Mundial da Família
- 15 - Sexta Feira (15-17) – Celebrações do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ponta Delgada)
- 16 - Sábado -
- 17 - Domingo - Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres – Ponta Delgada
- 18 - Segunda Feira -
- 19 - Terça Feira - Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria da Lagoa – Cabouco
- (19-30) – Crismas na Ouvidoria de Angra
- 20 - Quarta Feira - Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria Ponta Delgada (nascente) – Fajã de Baixo
- 21 - Quinta Feira -
- 22 - Sexta Feira - Dia do padroeiro da Diocese (Beato João Baptista Machado)
- Reunião Geral de Catequistas em São Miguel – Ponta Delgada
- Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria Fenais de Vera Cruz – Lombinha da Maia

- (22-24) – Retiro andante nas Flores
23 - Sábado -
24 - Domingo - Solenidade da Ascensão e Jornada Mundial das Comunicações Sociais
– Peregrinação dos graciosenses ao Monte de N^a. S^a da Ajuda
25 - Segunda Feira - Reunião Geral de Catequistas em São Miguel – Ponta Delgada
– Encontro do Grupo Coordenador do MRSM com os responsáveis dos Ranchos da Ouvidoria de Nordeste – Algarvia
26 - Terça Feira -
27 - Quarta Feira -
28 - Quinta Feira -
29 - Sexta Feira -
30 - Sábado- Comemoração dos 300 do voto ao Espírito Santo na Silveira – Pico
– Vigília de Pentecostes – Movimento Carismático – Igreja Matriz de S. Sebastião Ponta Delgada
– Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
31 - Domingo - Solenidade do Pentecostes – Crismas na Sé

Junho de 2020

- 01 - Segunda Feira - Dia da Região Autónoma dos Açores
02 - Terça Feira (2-4) - Encontro Ibérico das Comunicações Sociais (2-13) - Crismas na Ouvidoria de Angra
03 - Quarta Feira -
04 - Quinta Feira -
05 - Sexta Feira - Encerramento do 2º. Semestre no Seminário de Angra
- (5 -7) – Crismas na Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz
06 - Sábado -
07 - Domingo -
08 - Segunda Feira -

- 09 - Terça Feira -
- 10 - Quarta Feira - Solenidade do Corpo de Deus
- 11 - Quinta Feira – Crismas na Ouvidoria de Vila Franca do Campo
- 12 - Sexta Feira -
- 13 - Sábado -
- 14 - Domingo -
- 15 - Segunda Feira (15-17) – Jornadas de Estudo da Conferencia Episcopal Portuguesa (Fátima)
- 16 - Terça Feira -
- 17 - Quarta Feira -
- 18 - Quinta Feira-
- 19 - Sexta Feira - Sagrado Coração de Jesus
- Jornada de oração pela santificação dos sacerdotes
- 20 - Sábado - Encerramento do ano lectivo no Seminário de Angra
- 21 - Domingo - Celebração dos Jubileus Sacerdotais (Sé)
– Crismas na Ouvidoria da Horta
- 22 - Segunda Feira -
- 23 - Terça Feira -
- 24 - Quarta Feira -
- 25 - Quinta Feira -
- 26 - Sexta Feira -
- 27 - Sábado - Encontro do pré seminário – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 28 - Domingo - Ordenações Presbiterais
- 29 - Segunda Feira - Aniversário da Ordenação Episcopal de D. João Lavrador
- 30 - Terça Feira - Aniversário da Ordenação Episcopal de D. António Sousa Braga

Julho de 2020

- 01 - Quarta Feira -
- 02 - Quinta Feira -
- 03 - Sexta Feira - (3-5) – Crismas na Ouvidoria da Ribeira Grande

- 04 - Sábado -
- 05 - Domingo -
- 06 - Segunda Feira -
- 07 - Terça Feira -
- 08 - Quarta Feira -
- 09 - Quinta Feira -
- 10 - Sexta Feira -
- 11 - Sábado -
- 12 - Domingo -
- 13 - Segunda Feira -
- 14 - Terça Feira -
- 15 - Quarta Feira -
- 16 - Quinta Feira - Festas de N^a. S^a. do Carmo
- 17 - Sexta Feira -
- 18 - Sábado -
- 19 - Domingo -
- 20 - Segunda Feira -
- 21 - Terça Feira -
- 22 - Quarta Feira -
- 23 - Quinta Feira -
- 24 - Sexta Feira -
- 25 - Sábado -
- 26 - Domingo - Dia dos Avós
- 27 - Segunda Feira -
- 28 - Terça Feira -
- 29 - Quarta Feira -
- 30 - Quinta Feira -
- 31 - Sexta Feira -

Agosto de 2020

- 01 - Sábado -
- 02 - Domingo -
- 03 - Segunda Feira -
- 04 - Terça Feira -

- 05 - Quarta Feira -
- 06 - Quinta Feira - Festa do Senhor Bom Jesus – Pico (Santuário Diocesano)
- 07 - Sexta Feira -
- 08 - Sábado -
- 09 - Domingo - Jornada das Migrações
- Dádiva de Sangue dos Romeiros de São Miguel
- 10 - Segunda Feira -
- 11 - Terça Feira -
- 12 - Quarta Feira -
- 13 - Quinta Feira -
- 14 - Sexta Feira -
- 15 - Sábado - Assunção da Virgem Santa Maria
- 16 - Domingo -
- 17 - Segunda Feira -
- 18 - Terça Feira -
- 19 - Quarta Feira -
- 20 - Quinta Feira -
- 21 - Sexta Feira -
- 22 - Sábado -
- 23 - Domingo -
- 24 - Segunda Feira -
- 25 - Terça Feira - Missa por alma de D. Aurélio Granada Escudeiro e demais bispos diocesanos falecidos
- 26 - Quarta Feira -
- 27 - Quinta Feira -
- 28 - Sexta Feira -
- 29 - Sábado -
- 30 - Domingo - Festa do Senhor Bom Jesus da Pedra – Comemoração dos 200 anos da primeira procissão em Vila Franca do Campo

“Todos, Tudo e Sempre em Missão” Sobre o Ano Missionário e o Mês Missionário Extraordinário

1. Por motivo do centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud*, de 30 de novembro de 1919, do Papa Bento XV, o Papa Francisco declarou o mês de outubro de 2019 “Mês Missionário Extraordinário”, tendo como objetivo despertar para uma maior consciência da missão e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral.

Em união com o Santo Padre, queremos celebrar esse centenário apelando a um maior vigor missionário em todas as dioceses, paróquias, comunidades e grupos eclesiais, desde os adultos aos jovens e crianças.

Acolhendo com alegria a proposta do Papa Francisco de um Mês Missionário Extraordinário para toda a Igreja, nós, Bispos portugueses, propomo-nos ir mais longe e celebraremos esse mês como etapa final de um Ano Missionário em todas as nossas Dioceses, de outubro de 2018 a outubro de 2019.

Encontro pessoal com Jesus Cristo

2. Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco tem convidado todo o cristão, em qualquer lugar e situação, a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele e a procurá-l’O dia-a-dia, sem cessar. Repetidas vezes, no seguimento dos seus antecessores, tem lembrado que a ação missionária é o “paradigma de toda a obra da Igreja”. Assim sendo, não podemos ficar tranquilos, em espera passiva: é necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.

Com o “sonho missionário de chegar a todos”, o Santo Padre tem incentivado a ir às periferias, a ir até junto dos pobres,

convidando os jovens a “fazer ruído”, a não “ficarem no sofá” a verem a vida a passar. Convida a Igreja a não ficar entre si sem correr riscos, mas ter a coragem de ser uma Igreja viva, acolhedora, dos excluídos e dos estrangeiros.

3. No centro desta iniciativa, que envolve a Igreja universal, estão a oração, o testemunho e a reflexão sobre a centralidade da missão como estado permanente do envio para a primeira evangelização (Mt 28,19). Trata-se de colocar a missão de Jesus no coração da própria Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia das estruturas, os resultados do trabalho, a fecundidade dos seus ministros e a alegria que são capazes de suscitar, porque sem alegria não se atrai ninguém.

Em estado permanente de Missão

4. A preocupação que tinha Bento XV há quase cem anos, e que o documento conciliar *Ad gentes* nos recorda há mais de cinquenta anos, permanece plenamente atual. Lembrando as palavras de São João Paulo II, “a missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda longe do seu pleno cumprimento. Uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo, e devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço... A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos há de encontrar também inspiração e apoio no empenho pela missão universal” . Só assim nos constituímos em “estado permanente de missão em todas as regiões da Terra” .

5. Se Bento XV convidava “cada um a pensar que deve ser como que a alma da sua missão” , o Papa Francisco diz que é tarefa diária de cada um “levar o Evangelho às pessoas com

quem se encontra, porque o anúncio do Evangelho, Jesus Cristo, é o anúncio essencial, o mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, o mais necessário” (EG 127). Como discípulos missionários, devemos entrar decididamente com todas as forças nos processos constantes de renovação missionária, pois, hoje, cada terra e cada dimensão humana são terra de missão à espera do anúncio do Evangelho.

Viver a Missão

6. O Papa Francisco indica quatro dimensões para prepararmos e vivermos o Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019:

Encontro pessoal com Jesus Cristo vivo na sua Igreja: Eucaristia, Palavra de Deus, oração pessoal e comunitária.

~ Testemunho: os santos, os mártires da missão e os confessores da fé, que são expressão das Igrejas espalhadas pelo mundo.

~ Formação: bíblica, catequética, espiritual e teológica sobre a missão.

~ Caridade missionária: ajuda material para o imenso trabalho da evangelização e da formação cristã nas Igrejas mais necessitadas.

Estas dimensões de oração, reflexão e ação propostas pelo Santo Padre, assim como o tema do Dia Mundial das Missões em 2019 – “Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo” – estarão presentes nas várias iniciativas diocesanas ao longo de todo o Ano Missionário, sempre centrados na Palavra e na Eucaristia: “partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai-nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária” .

7. A missão dada por Jesus aos seus discípulos é impressionante: uma missão ampla “por todo o mundo” (Mc 16,15), “a todas as gentes” (Mt 28,19), eficaz nos “sinais” que a acom-

panham (Mc 16,17), profunda e alegre, que só pode realizar-se desde a experiência do Ressuscitado e a sua colaboração confirmada (Mc 16,20). Do encontro com a Pessoa de Jesus Cristo nasce a Missão que não se baseia em ideias nem em territórios, mas “parte do coração” e dirige-se ao coração, uma vez que são “os corações os verdadeiros destinatários da atividade missionária do Povo de Deus” .

8. As iniciativas e atividades de cooperação missionária são dirigidas e coordenadas em toda a parte, por mandato do Sumo Pontífice, pela Congregação para a Evangelização dos Povos. Contudo, cabe às Igrejas locais, quer a nível nacional, através das Comissões Episcopais das Missões, quer a nível diocesano, na pessoa do próprio Bispo, tarefas semelhantes. A Congregação para a Evangelização dos Povos serve-se, em cada país, das quatro Obras Missionárias Pontifícias (OMP) [Propagação da Fé, Infância Missionária, São Pedro Apóstolo, União Missionária], que sendo as Obras do Papa, são-no também do Episcopado e de todo o Povo de Deus, devendo dar-se-lhes, com todo o direito, o primeiro lugar.

É por isso que apelamos uma vez mais para que em todas as nossas dioceses surjam “Centros Missionários Diocesanos (CMD) e Grupos Missionários Paroquiais (GMP), laboratórios missionários, células paroquiais de evangelização que, em consonância com as OMP e os Centros de animação missionária dos Institutos Missionários, possam fazer com que a missão universal ganhe corpo em todos os âmbitos da pastoral e da vida cristã” , que nos animem a ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho, numa missão total que deve envolver Todos, Tudo e Sempre.

Renovação missionária

9. Ao longo deste Ano Missionário, de outubro de 2018 a

outubro de 2019, façamos todos – bispos, padres, diáconos, consagrados e consagradas, adultos, jovens, adolescentes, crianças – a experiência da missão. Sair. Irmos até uma outra paróquia, uma outra diocese, um outro país em missão, para sentirmos que somos chamados por vocação a sermos universais, ou seja, a termos responsabilidade não só sobre a nossa comunidade, mas sobre o mundo inteiro.

Paulo VI interpela-nos a “conservar o fervor do espírito e a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas... É que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, quer receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desencorajados, impacientes ou ansiosos, mas sim de discípulos missionários do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo” .

Não esqueçamos as novas gerações e o mundo dos jovens, que nos chamam a construir uma pastoral missionária “para” e “a partir” dos jovens. No contacto direto com eles, com as suas esperanças e frustrações, anseios e contradições, tristezas e alegrias, anunciemos as boas notícias da parte de Deus. Nesse contacto, à imagem do Senhor Jesus, “o missionário não se irrita, não desanima, não despreza nem trata com dureza... mas a todos procura atrair com bondade até aos braços de Cristo, o Bom Pastor” (MI 43).

10. Que este Ano Missionário se torne uma ocasião de graça, intensa e fecunda, de modo que desperte o entusiasmo missionário. E que este jamais nos seja roubado! Nesse entusiasmo, a formação missionária deve perpassar toda a nossa catequese e as escolas de leigos, e ser inserida nos currículos dos Seminários e das Faculdades de Teologia.

Celebremos este Ano Missionário “sob a proteção de Maria, para que sejamos no mundo sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilhou na Páscoa, e descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor” .

*Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa
para o Ano Missionário e o Mês Missionário Extraordinário*

Comunicado do Conselho Presbiteral 2019

A 44ª Sessão plenária do Conselho Presbiteral da Diocese de Angra decorreu entre os dias 7 e 9 de Maio de 2019, Ano Missionário, no Palácio de Santa Catarina, em Angra do Heroísmo, presidida pelo Bispo Diocesano, Senhor Dom João Evangelista Pimentel Lavrador.

1. O Prelado Diocesano começou por afirmar a importância do Conselho Presbiteral e do Presbitério assim como a comunhão no mesmo, bem como referiu os temas desta sessão, a saber: A Formação Cristã, a Sinodalidade e a Revisão dos Estatutos do Conselho Presbiteral.

2. O Conselho reflectiu sobre os temas acima indicados:

a) Formação Cristã: Foi feita a avaliação à aplicação do itinerário formativo na Diocese em 2018/2019, no que diz respeito à formação dos presbíteros, à formação básica nos Conselhos Pastorais assim como a coordenação formativa dos Serviços Pastorais e movimentos eclesiais.

Apresentada a síntese desta avaliação, feita por Ouvidorias, os resultados obtidos foram considerados positivos. Depois de um trabalho realizado em grupos por Vigararias Episcopais apontou-se para a necessidade de um plano abrangente e integrado de formação para todos os presbíteros, tendo sido indicada a equipa da Vigararia para a Formação como a instância a realizar o referido plano.

Insistiu-se na necessidade de, nos Conselhos Pastorais Paroquiais, haver uma componente formativa e na consolidação das Escolas de Formação Cristã das Ouvidorias, recentemente criadas, como instâncias que na base farão a implementação e a coordenação da pastoral e da formação.

Na preparação laical formulou-se a necessidade de uma formação mais exigente e sistemática que habilite leigos como “Formadores de Formadores.”

A coordenação dos Serviços Pastorais e dos Movimentos Ecle-

siais feita a nível central deve ter também uma coordenação em toda a Diocese realizada na articulação entre as Ouvidorias, Vigararias Episcopais territoriais e a Vigararia Episcopal da Formação.

b) Sinodalidade diocesana: Foram consideradas as respostas para esta Assembleia Plenária acerca da presença, participação e corresponsabilidade dos presbíteros num Sínodo Diocesano.

Neste contexto, assentou-se na seguinte orientação:

Em ordem a uma assembleia sinodal, a realizar em tempo oportuno, e dentro do caminho que segue a Igreja por todo o mundo, decidiu-se que no próximo ano entraremos num dinamismo pastoral que se concretizará numa atitude de ver e escutar a realidade do mundo dos Açores do ponto de vista social, cultural e eclesial através de meios, instrumentos e instâncias que oportunamente serão indicados, envolvendo também o Conselho Presbiteral e o Conselho Pastoral Diocesano, por si ou em conjunto.

Foi também assumido que se comece a preparar desde já o jubileu dos 500 anos da fundação da nossa Diocese que ocorre em 2034.

c) Revisão dos Estatutos do Conselho Presbiteral Diocesano: Foi considerada a proposta de revisão dos actuais estatutos do Conselho Presbiteral, a qual depois de votada foi aprovada por unanimidade.

3. O Conselho, neste ano missionário, sente por um lado a urgência da evangelização nas nossas ilhas assumindo as realidades da vida de um mundo em mudança e, por outro, a urgência da necessidade da transmissão da fé às novas gerações seguindo a orientação e dinamismo do recente documento do Santo Padre “Cristo Vive”, na sequência do último Sínodo.

Angra do Heroísmo, 9 de Maio de 2019

Vigarraria Episcopal para a Formação (2019)

A Equipa da Vigarraria Episcopal para a Formação Cristã do Povo de Deus, à qual se agregou o Secretariado Permanente do Conselho Pastoral Diocesano, reuniu-se na Cúria da Diocese de Angra no dia 12 de Junho de 2019.

Tendo em conta as conclusões do Conselho Presbiteral Diocesano, foram delineadas as seguintes estratégias de acção:

1. Serão elaborados três temas de reflexão destinados à formação dos presbíteros, à semelhança do que ocorreu no ano passado. Os mesmos temas deverão também integrar os programas da formação das Escolas de Formação Cristã das Ouidorias. Os tópicos de reflexão serão os seguintes:

- a) A teologia da sinodalidade;
- b) Os sinais dos tempos;
- c) A beleza de caminharmos juntos

2. Cumprindo as disposições da última sessão do Conselho Presbiteral, será feito o retrato sociológico da diocese. Para tal, serão aproveitados os estudos já realizados em diversos âmbitos, bem como os relatórios das visitas pastorais. Em tempo oportuno, hão-de ser escolhidos especialistas abalizados para a realização deste trabalho.

3. Por fim, serão lançados três temas destinados à formação e reflexão de todos os diocesanos, particularmente daqueles que integram os Conselhos Pastorais, Serviços Diocesanos, movimentos e grupos. Há que deixar claro que estes mesmos elementos formativos são abertos a todo o Povo de Deus. Os temas serão os seguintes:

- a) A realidade da sociedade;
- b) A realidade da cultura;
- c) A realidade da Igreja.

Tendo em vista a sensibilização de todos os fiéis para a caminhada sinodal, serão disponibilizados pelo Serviço Diocesano de Liturgia alguns subsídios para serem utilizados nas cele-

brações litúrgicas e nas demais formas de oração.

4. Foi sugerido por esta equipa que o lema da caminhada sinodal fosse o seguinte: “A beleza de caminharmos juntos em Cristo.” Tal proposta será analisada e discutida pelas instâncias diocesanas competentes.

Angra do Heroísmo, 12 de Junho de 2019

OS SINAIS DOS TEMPOS NA CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES

Uma Teologia da História

Introdução

No comunicado final do último Conselho Presbiteral, pede-se uma caminhada sinodal para toda a nossa Igreja diocesana, numa dinâmica pastoral que se concretizará numa atitude de ver e de escutar a realidade dos Açores, do ponto de vista social, cultural e eclesial. Será nessa atitude de ver e de escutar que precisamos de uma «chave» teológica que nos ajude a discernir nos sinais dos tempos, o que o «Espírito diz à Igreja», que está implantada nestas ilhas há mais de quatrocentos anos.

A expressão sinais dos tempos entrou oficialmente na linguagem do Magistério a partir do Papa João XXIII e é consagrada como categoria teológica na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Neste documento conciliar os sinais dos tempos designam a manifestação de valores evangélicos a operar dentro dos movimentos da história, aspirações e desejos do homem contemporâneo que, pelas suas características, parecem atestar a presença do Reino de Deus já em realização no mundo. A descoberta e a interpretação destes sinais à luz do Evangelho, constitui uma Teologia da História, porque na perspectiva judaico cristã a salvação realiza-se em favor da pessoa humana situada no tempo, com uma existência histórica.

No entanto, os sinais dos tempos, como qualquer outra realidade humana estão sujeitos a ambiguidades e, por isso «é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da

futura e da relação entre ambas» (GS nº 4).

Vou procurar, através de um pequeno trabalho de reflexão, baseado no estudo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Ecuménico Vaticano II, apresentar: 1º Os sinais dos tempos na Constituição *Gaudium et Spes*, 2º Os sinais dos tempos como Teologia da História e 3º O discernimento e a interpretação dos sinais dos tempos à luz da fé.

I Os Sinais dos Tempos na Constituição *Gaudium et Spes*

Os sinais dos tempos como sinais históricos têm uma textura original e um alcance diferente dos sinais naturais e convencionais. Como sinais históricos tem importância não apenas, nem sobretudo pelos acontecimentos em si, mas a tomada de consciência que provocam, captando as energias e as esperanças de um grupo humano. Como afirmava Chenu, no seu livro «Sinais dos tempos, in a Igreja e o mundo de hoje – *Gaudium et Spes* – comentários, pensamento e vida»: «os sinais dos tempos, são fenómenos generalizados que englobam toda uma série de actividades e exprimem as necessidades e as aspirações da humanidade presente».

A Constituição *Gaudium et Spes* desde os números quatro a dez, faz uma análise ao mundo moderno, marcado por uma profunda transformação cultural, social e económica provocada pelo progresso. Esta transformação não se faz sem perplexidade e leva a contradições trágicas. No entanto, a Igreja reconhece que, no seio da história do mundo em transformação rápida e profunda, existem fenómenos generalizados que exprimem as aspirações da humanidade do nosso tempo – os sinais dos tempos.

Assim: «A insistência com que muitos reivindicam aqueles bens de que, com uma consciência muito viva se julgam privados por injustiça ou por desigual distribuição. As nações em vias de desenvolvimento e as de recente independência desejam participar dos bens da civilização não só no campo

político, mas também no económico e aspiram a desempenhar livremente o seu papel no plano mundial. Os povos oprimidos pela fome, interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam para si, onde ainda não a alcançaram, igualdade de direito e de facto com os homens. Os operários e camponeses querem não apenas ganhar o necessário para viver, mas desenvolver, graças ao trabalho, as próprias qualidades; mais ainda, querem participar na organização da vida económica, social, política e cultural. Pela primeira vez na história dos homens, todos os povos têm já a convicção de que os bens da cultura podem e devem estender-se efectivamente a todos. Subjacente a todas estas exigências, esconde-se porém, uma aspiração mais profunda e universal: as pessoas e os grupos anseiam por uma vida plena e livre, digna do homem, pondo ao próprio serviço tudo o quanto o mundo de hoje lhes pode proporcionar em tanta abundância. E as nações fazem esforços cada vez maiores para chegar a uma certa comunidade universal» (GS nº9).

Estes fenómenos específicos apresentados pela *Gaudium et Spes*, pelas suas características parecem atestar a presença de Deus no mundo e podem ser identificados como sinais dos tempos. Ao longo do documento conciliar eles serão iluminados pela doutrina cristã, decalcada na Sagrada Escritura: a doutrina da criação e da dignidade da pessoa humana, do pecado e da redenção ou da recapitulação de todas as coisas em Cristo. Na perspectiva dos padres conciliares, todos estes sinais remetem-nos como que intuitivamente para Deus e criam consenso universal.

II Os sinais dos tempos como teologia da história

Na Constituição *Gaudium et Spes*, os sinais dos tempos são considerados como categoria teológica – Teologia da História, porque o cristianismo é considerado como economia da salvação que se realiza na história, em favor da pessoa humana

situada no tempo. A própria Igreja, Povo de Deus caminha para a salvação na história temporal e essa peregrinação inclui, necessariamente, sinais.

Por isso, para a compreensão teológica dos sinais dos tempos, há duas realidades que são fundamentais: o ser humano como sujeito da salvação e a salvação realizada na história. É na sua qualidade de ser histórico que o homem unifica a sua existência ao ritmo do tempo, vencendo o medo que o divide, tomando consciência da sua dignidade e responsabilidade, da sua natureza social e comunitária e vai dominando o universo. Numa palavra, é no tempo que ele existe verdadeiramente como ser humano, através de actos e de opções que exprimem a sua liberdade pessoal. Como afirmava D. José Policarpo, no seu livro *Sinais dos Tempos - Génese Histórica e Interpretação Teológica*: «O ser humano está situado entre um início que lhe é dado e que tende a desabrochar num fim que será a sua natureza completamente realizada e que se constrói dia a dia, no seu presente livre». E, continua o mesmo autor, na citada obra: «O tempo e a história aparecem-nos assim como o condicionalismo a que tem de estar necessariamente ligada toda a acção salvífica de Deus (...) Toda a Bíblia nos testemunha que Deus se serve do tempo para se revelar e para salvar. (...) É da caminhada histórica da Igreja para a salvação que surge a possibilidade de sinais históricos que sejam também sinais salvíficos: os sinais dos tempos em sentido teológico. (...) A própria expressão sinais dos tempos é especialmente sugestiva desta historicidade».

A doutrina da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, ao partir dos sinais dos tempos, é uma Teologia da História, dado que tem subjacente uma teologia das realidades terrestres, salvas em Jesus Cristo e por Jesus Cristo, pois que n'Ele tudo foi recapitulado. Em Cristo, a Igreja é arrastada neste dinamismo de recapitulação. Ela deve preparar, significar anunciar e apressar a última e definitiva consequência da recapitulação

pascal: «A Igreja tem diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades, no meio das quais vive; um mundo que é teatro da história humana, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído sem dúvida sob a escravidão do pecado mas libertado pela Cruz e Ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e a alcançar a própria realização» (GS 2).

III O Discernimento e a Interpretação dos Sinais dos Tempos à luz do Evangelho

«Para levar a cabo a missão de salvação é dever da Igreja investigar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho» (GS 4).

Para além deste parágrafo do nº 4 da *Gaudium et Spes*, existem na mesma Constituição Pastoral dois outros textos que apelam à responsabilidade geral do Povo de Deus nesse discernimento e interpretação (cf. GS 11) e com especial responsabilidade, os Pastores e os Teólogos (cf. GS 44).

A partir destes textos vemos, claramente, que a Igreja vivendo inserida na história deve saber ler evangelicamente os acontecimentos que possuem uma determinada orientação e que, na sua essência, revelam um progresso histórico, humano e eclesial. Sendo serva da Palavra, a Igreja tem a responsabilidade de ser mediadora na história, ajudando-a a descobrir no seu próprio seio, os sinais salvíficos de Deus e a orientar-se para Ele.

No entanto, esta tarefa de discernir e interpretar os sinais dos tempos, à luz da fé, não é fácil. Graça e pecado existem par a par na construção da história humana. Portanto, a interpretação dos sinais dos tempos à luz da fé, não consta só em ver os sinais positivos, mas a interpretação inclui um discernimento

do que é valor e do que é mal, pecado. A ambiguidade dos valores humanos e da história está bem patente sobretudo no nº 4 da Constituição *Gaudium et Spes*. Aqui verificamos como os mais belos valores humanos têm sempre o seu reverso. Tal como na parábola evangélica de Mt 13, 24-30, neste imenso campo que é o mundo, misturam-se o trigo e o joio.

Mas, o discernimento e a interpretação dos sinais dos tempos supõe o conhecimento profundo de Deus e dos seus desígnios de salvação, próprio dos profetas. O profeta é alguém que está possuído pela transcendência divina e, em confronto com os acontecimentos da história, descobre essa transcendência oculta. É aquele que tem uma intuição profunda do dinamismo e exigência dos sinais salvíficos de Deus, no tempo, na história. Assim, ele está alerta para reconhecer tudo o que possa ser passagem ou presença de Deus na história, no mundo.

Por isso, na oração e na prática da caridade, na familiaridade com Deus e na união fraterna com todos, o profeta reconhecerá nos fenómenos e acontecimentos históricos, nos sinais dos tempos, os desígnios salvíficos de Deus sobre a humanidade e sobre o mundo. É, sobretudo, na dinâmica celebrativa da Eucaristia que a Palavra e os sinais proféticos tomam o seu verdadeiro peso e alcance, como afirmava D. José Policarpo na sua obra já citada anteriormente: «É nessas reuniões que a comunidade aprofunda vitalmente o mistério da morte e ressurreição de Cristo, encontrando a resposta para os problemas, circunstâncias e acontecimentos da hora que vive. É aí que o Povo participa verdadeiramente da função profética de Cristo. Há assim no Povo de Deus uma relação entre Liturgia e interpretação profética dos sinais dos tempos».

Pistas possíveis para uma reflexão

1. A partir da reflexão sociológica, cultural e eclesial sobre a realidade açoriana, que sinais dos tempos descobrimos, que nos ajudam a ver a passagem de Deus pela nossa história actual?

2. Nesta caminhada sinodal, que toda a Igreja diocesana é convidada a percorrer, que temas achamos mais urgentes a serem refletidos por todos, em ordem a uma resposta pastoral eficiente e actual?

3. Que caminhos percorrer, para na oração e na caridade fraterna, podermos numa atitude profética, discernir e interpretar os sinais dos tempos, à luz da fé?

Observação: Esta reflexão orientada para os presbíteros e para grupos de leigos integrados ou não na vida eclesial das nossas comunidades, exige a leitura da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, da sua actualização num contexto histórico já diferente da década de sessenta do século passado, em que foi publicada. Os encontros com os leigos exigirão sempre a presença de alguém que tenha estudado teologia e pastoral. Como padres, a nossa função principal é formar leigos. Este é um grande défice na nossa Igreja local.

Algumas obras teológico-pastorais que podem ajudar no nosso estudo:

- *J. TILLARD*, «Teologia Subjacente à Constituição: a Igreja e os valores terrestres», in *Comentários em torno da Constituição Gaudium et Spes do Vat. II*, obra colectiva dirigida por G. BARAUNA, Ed. Vozes, Petrópolis, 1967

- *J. DA CRUZ POLICARPO*, «Sinais dos Tempos – Génese Histórica e Interpretação Teológica», Sampedro, Lisboa, 1971

- *M. D. CHENU*, «A Igreja no mundo de hoje – GS. Comentários, pensamentos e vida», Sampedro, Lisboa, 1969

- *CASIANO FLORISTÁN*, «Vaticano II, um Concílio Pastoral», Ed Paulistas, Lisboa, 1990

- *RICHARD R. GAILLARDETZ, CHATERINE E. CLIFFORD*, «As Chaves do Concílio – À descoberta do Vaticano II», Paulinas, Lisboa, 2012

P. Ângelo de Freitas Valadão Eduardo

Para uma teologia da sinodalidade

Introdução

Vivemos um tempo em que tudo parece ter a ver conosco: uma casa comum onde habitamos (Laudato Si), a natureza e a criação, a mesma condição humana e digna de filhos de Deus, a globalização para o melhor ou pior, o aquecimento global, o mar, a água, a poluição, a pobreza, a comunidade europeia, um país com uma história, língua e identidade próprias, uma democracia, uma região autónoma ainda sem meio século de sedimentação, uma Diocese com quase cinco séculos cumpridos, imensos fatores de conjunto, homogeneidade, comunicação, mobilidade, alegrias e problemas que nos fazem caminhar juntos e como que abraçados, como quem vai em marcha, seja por convicção, seja por necessidade. Ora, a dinâmica sinodal tem este horizonte de fundo comum.

1. O tempo da sinodalidade na Escritura e Hoje

"Sínodo" é uma palavra antiga muito venerada pela Tradição da Igreja composta pela preposição σύν, e o substantivo óδός, indica o caminho que os membros do Povo de Deus percorrem juntos. Remete ao Senhor Jesus que Se apresenta como "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14, 6), e ao facto de que os cristãos, seus seguidores, serem originalmente chamados "os discípulos do caminho" (cf. Act. 9,2; 19,9.23; 22,4, 24,14.22). «Os Atos dos Apóstolos testemunham que a sinodalidade foi percorrida pela Igreja nascente já para reconstituir o grupo dos Doze, mutilado após a traição de Judas. Depois fez-se um caminho sinodal para resolver o conflito entre judeus e helenistas na repartição e partilha dos bens, e o mesmo aconteceu perante a ameaça de um cisma na comunidade cristã entre missionários evangelizadores dos pagãos e a comunidade dos judeo-cristãos de Jerusalém» (E. Bianchi).

Na língua grega usada na Igreja aplica-se o termo aos discípulos de Jesus convocados em assembleia, e em alguns casos é sinónimo de comunidade eclesial. São João Crisóstomo, por exemplo, escreve que a Igreja é o "nome que indica caminhar juntos". Com um significado específico, desde os primeiros séculos designam-se pela palavra "sínodo" assembleias reunidas a vários níveis (também diocesano) para discernir, à luz da Palavra de Deus, e escutando o Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canónicas e pastorais que se vão apresentando histórica e periodicamente.

Na literatura teológica e pastoral das últimas décadas, tornou-se comum o uso de um substantivo derivado do termo, ou seja, "sinodalidade", correlativo ao adjetivo "sinodal" e derivado da palavra "sínodo". Fala-se assim da sinodalidade como a "dimensão constitutiva" da Igreja ou simplesmente da "Igreja sinodal". Esta nova linguagem testemunha uma aquisição que vem amadurecendo na consciência eclesial a partir do magistério do Concílio Vaticano II e da experiência vivida nas Igrejas locais até hoje.

2. A sinodalidade na Tradição e na História Local

A sinodalidade, neste contexto eclesiológico do Vaticano II, indica o modo específico de viver e trabalhar (*modus vivendi et operandi*) da Igreja Povo de Deus que manifesta e realiza de maneira concreta a sua comunhão na caminhada em conjunto, no encontro em assembleia e na participação ativa de todos os seus membros na missão evangelizadora.

De acordo com o ensinamento da *Lumen Gentium*, o Papa Francisco destaca que a sinodalidade "oferece a estrutura interpretativa mais adequada para a compreensão do ministério hierárquico" e, com base na doutrina do *sensus fidei fidelium*, todos os membros da Igreja são sujeitos ativos da evangeli-

zação. Daqui resulta que a definição de uma Igreja sinodal é a premissa indispensável para um novo impulso missionário que envolve todo o Povo de Deus.

Já o concílio de Trento estabeleceu a norma de que periodicamente se celebrariam sínodos diocesanos. Recorde-se que os «sínodos tridentinos», não tinham como objeto suscitar a coresponsabilidade ativa de todo o Povo de Deus, mas transmitir e pôr em prática normas e disposições para contribuir para o impulso da reforma em toda a Igreja, chegando-se a identificar os pastores com a Igreja docente e o resto do Povo de Deus com a Igreja discente. É com este fundo que podemos ler as «Constituições Sinodais do Bispado d'Angra feitas pelo Exm^o. e Revm^o. Sr. Bispo D. Jorge de Santiago e aprovadas em Sínodo Episcopal celebrado na Sé Catedral no ano de 1559».

Na aplicação do concílio Vaticano II (1965) nos Açores, temos experiências de marca sinodal como sejam o Conselho Presbiteral (1967), com 44 sessões plenárias realizadas, o Conselho Diocesano de Leigos (1981), o Congresso Diocesano de Leigos (1992), 25 programas/orientações diocesanas de pastoral de conjunto (1994) e o Conselho Diocesano de Pastoral (2000), com 13 sessões plenárias cumpridas.

3. Para uma teologia da sinodalidade

A Comissão Teológica Internacional, vendo a importância desta dinâmica nas Igrejas Locais, publicou recentemente um estudo sobre «A sinodalidade na vida e na missão da Igreja» (2.3.2018), onde nos inspiramos. A sinodalidade manifesta o caráter peregrino da Igreja e é a expressão da eclesiologia de comunhão. Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e coresponsável. No exercício da sinodalidade a Igreja está chamada a articular a participação de todos, segundo a vo-

cação de cada um, com a autoridade conferida por Cristo ao Colégio dos Bispos. Assim, a consulta e a autoridade são elementos correlativos na construção do sínodo.

Na Igreja sinodal toda a comunidade, na rica e livre diversidade dos seus membros é convocada para rezar, escutar, analisar, dialogar, discernir e aconselhar para que se tomem as decisões pastorais mais conformes com a vontade de Deus. Para formular as próprias decisões os Pastores devem escutar com atenção os desejos (vota) dos fiéis. Na diocese, há um processo para elaborar uma decisão, mediante um trabalho comum de discernimento, consulta e cooperação. A elaboração é uma competência sinodal, a decisão é uma responsabilidade ministerial. O método sinodal corresponde a três verbos: escutar, discernir e escolher.

A sinodalidade designa o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja expressando a sua natureza como o caminhar juntos e reunir-se em assembleia do povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus no poder do Espírito Santo para proclamar a Evangelho. Também se manifesta na liturgia. Esta também é sinodal. Deve ser expresso no modo comum de viver e trabalhar da Igreja. Este *modus vivendi et operandi* é feito através da comunidade na escuta da Palavra e na celebração da Eucaristia, na fraternidade de comunhão e co-responsabilidade e participação de todo o Povo de Deus, nos seus diferentes níveis e na distinção dos diversos ministérios e papéis, na sua vida e missão.

4. Um tempo para a escuta

Num recente texto «O futuro da Igreja está na sinodalidade» (15.05.19), o monge Enzo Bianchi ensina-nos que, se no princípio era o Verbo, também no início está a escuta: «escuta da Igreja, escuta na Igreja, escuta do mundo entendido como

humanidade. Emergem sempre necessidades, desafios, crises, conflitos que devem em primeiro lugar ser lidos e escutados, não negligenciados nem removidos. Todo o povo de Deus deve exercitar esta vigilância e estar à escuta. (...) Trata-se, por isso, de saber ler e escutar a realidade com os seus inesperados níveis de crítica. Escutar torna-se, conseqüentemente, escutar-se um ao outro, na vontade de aprender algo do outro e acolherem-se reciprocamente: a escuta de todos, membros fortes ou frágeis, justos ou pecadores, inteligentes ou simples, judeus ou gregos, homens ou mulheres, é uma confissão prática e uma celebração da unidade dos batizados em Cristo».

E continua Bianchi: o caminho sinodal «é o caminho desta realidade que quer percorrer o mesmo caminho, permanecer unida numa comunhão real, para chegar à mesma meta: o reino de Deus. Tomar a palavra é por isso essencial na vida da Igreja, porque significa comunicar, entrar num debate, num diálogo que plasma quantos se escutam reciprocamente, e cria neles solidariedade e corresponsabilidade. Assim a sinodalidade é geradora de uma consciência eclesial, de uma fé pensada e motivada que torna todo o batizado protagonista da vida e da missão da Igreja. Nesta escuta “horizontal” deve estar sempre presente a escuta do Evangelho, daquilo «que o Espírito diz às Igrejas». (...) Em todo o caso, é verdade que este primeiro passo da escuta recíproca e da tomada da palavra é hoje mais difícil e árduo, porque a sinodalidade requer obediência ao Evangelho, pertença eclesial, formação contínua, disponibilidade para a mudança e para a criatividade».

5. A conversão para uma sinodalidade renovada

A sinodalidade está ordenada a animar a vida e a missão evangelizadora da Igreja, em união com e sob a orientação do Senhor Jesus que prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles" (Mt 18, 20).

Aceitar entrar em dinâmica sinodal implica a formação para a espiritualidade da comunhão e a prática da escuta, do diálogo e do discernimento comunitário; a relevância para o caminho ecumênico e para uma diaconia profética na construção de um ethos social fraterno, solidário e inclusivo.

O grande desafio para a conversão pastoral que hoje se apresenta à vida da Igreja é intensificar a colaboração mútua de todos no testemunho evangelizador, a partir dos dons e dos papéis de cada um, sem clericalizar os leigos nem secularizar os clérigos, evitando em todo caso a tentação de "um clericalismo excessivo que mantém os fiéis leigos à margem das decisões" (EG 102).

A conversão pastoral para a implementação da sinodalidade exige que alguns paradigmas sejam superados, tal como a concentração da responsabilidade da missão no ministério dos Pastores; a insuficiente valorização da vida consagrada e dos dons carismáticos; a escassa avaliação da contribuição específica qualificada, na sua esfera de competência, dos fiéis leigos, e entre eles, das mulheres.

O diálogo sinodal tem valor tanto no falar como no escutar. Não se trata de um debate em que um interlocutor procura impor aos outros ou refutar as suas posições com argumentos fortes, mas para expressar com respeito o quanto, em consciência, se percebe que foi sugerido pelo Espírito Santo como útil em vista do discernimento comunitário, ao mesmo tempo que aberto a quanto, nas posições dos outros, é sugerido pelo mesmo Espírito "para o bem comum" (1Cor 12,7).

O discernimento da comunidade envolve a escuta atenta e corajosa dos "gemidos do Espírito" (Rm 8,26), que fazem o seu caminho através do grito, explícito ou mudo, que vem do Povo

de Deus. Os discípulos de Cristo devem ser contemplativos da Palavra e também contemplativos do povo. O discernimento deve ser realizado num espaço de oração, meditação, reflexão e estudo necessário para ouvir a voz do Espírito; através de um diálogo sincero, sereno e objetivo com os irmãos e irmãs, atendendo às reais experiências e problemas de cada comunidade e de cada situação.

Conclusão

"Caminhar juntos", ensina o Papa Francisco, "é o caminho constitutivo da Igreja; a figura que nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus; a condição de seguir o Senhor Jesus e ser servos da vida neste tempo ferido. A respiração e o passo sinodal revelam o que somos e o dinamismo da comunhão que anima as nossas decisões. Somente neste horizonte podemos verdadeiramente renovar o nosso cuidado pastoral e adaptá-lo à missão da Igreja no mundo de hoje".

O que se pede ao Povo de Deus no caminho sinodal é a confiança, a franqueza e coragem para entrar na amplitude do horizonte de Deus para "garantir que no mundo há um sacramento de unidade e, portanto, a humanidade não está destinada ao extravio ou à destruição. A experiência vivida e perseverante da sinodalidade é para o Povo de Deus fonte de alegria prometida por Jesus, fermento de vida nova, plataforma de lançamento para uma nova fase de compromisso missionário.

Maria, Mãe de Deus e da Igreja, que "com os discípulos invocou o Espírito Santo" (Act.1,14), e assim tornou possível a expansão missionária, que ocorreu no dia de Pentecostes, acompanhe a caminhada sinodal do Povo de Deus nos Açores, indicando o percurso, a meta e o destino, e ensinando um estilo formoso desta nova etapa da evangelização.

Questões para reflexão:

1 - Que atitudes pessoais e dinâmicas comunitárias devemos adotar ou adquirir no processo de conversão pessoal e pastoral que somos chamados a fazer em Igreja neste tempo?

2 - Seguindo o método de escutar, discernir e escolher, que aspectos ou situações do Mundo e da Igreja podemos traduzir em apelos, gritos ou prioridades para a transformação da nossa realidade cultural, social e eclesial?

P. Hélder Fonseca Mendes

A beleza de caminharmos juntos

Não é possível estar ao serviço da comunhão na comunidade cristã sem se exercitar continuamente a arte da comunhão dentro do presbitério. Esta baseia-se na colegialidade, mas especialmente partindo de uma lógica de sinodalidade, caminhando juntos (syn-odós) na história. Caminhar juntos é o nosso desafio, a nossa dificuldade maior, mas também a nossa maior beleza. Caminhar juntos como cristãos, caminhar juntos leigos e ordenados, presbíteros e bispo... Só uma Igreja sinodal será uma autêntica comunhão à imagem da comunhão divina trinitária, na qual a unidade e a diferença não são contraditórias, mas essenciais. Perspetivando uma autêntica espiritualidade de comunhão, é também necessário chegar a ver o outro como um “dom de Deus para mim”. Rejeitando toda a lógica individualista, dever-se-ia chegar a dizer: “Vede como eles se amam”.

1. Fundamentação Bíblica

Atos 11, 19-26

Fundação da Igreja de Antioquia - 19 Entretanto, os que se tinham dispersado, devido à perseguição desencadeada por causa de Estêvão, adiantaram-se até à Fenícia, Chipre e Antioquia, mas não anunciavam a palavra senão aos judeus. 20 Houve, porém, alguns deles, homens de Chipre e Cirene que, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa-Nova do Senhor Jesus. 21 A mão do Senhor estava com eles e grande foi o número dos que abraçaram a fé e se converteram ao Senhor. 22 A notícia chegou aos ouvidos da igreja de Jerusalém, e mandaram Barnabé a Antioquia. 23 Assim que ele chegou e viu a graça concedida por Deus, regozijou-se com isso e exortou-os a todos a que se conservassem unidos ao Senhor, de coração firme; 24 ele era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. Assim, uma grande mul-

tidão aderiu ao Senhor. 25 Então, Barnabé foi a Tarso procurar Saulo. 26 Encontrou-o e levou-o para Antioquia. Durante um ano inteiro, mantiveram-se juntos nesta igreja e ensinaram muita gente. Foi em Antioquia que, pela primeira vez, os discípulos começaram a ser tratados pelo nome de «cristãos.»

O nosso texto mostra-nos o papel de Barnabé como elo de união entre a igreja mãe de Jerusalém e a comunidade de Antioquia. Apresentou Paulo às comunidades de Jerusalém e de Antioquia garantindo a conversão à fé cristã daquele que todos conheciam e temiam como terrível perseguidor. Fê-lo seu companheiro de missão, apesar de se separarem mais tarde. A História de Barnabé e Paulo é paradigma de cada discípulo entusiasmado pela beleza da missão!

2. O que diz a Igreja?

Não à guerra entre nós

Dentro do povo de Deus e nas diferentes comunidades, quantas guerras! No bairro, no local de trabalho, quantas guerras por invejas e ciúmes, mesmo entre cristãos! O mundanismo espiritual leva alguns cristãos a estar em guerra com outros cristãos que se interpõem na sua busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança económica. Além disso, alguns deixam de viver uma adesão cordial à Igreja por alimentar um espírito de contenda. Mais do que pertencer à Igreja inteira, com a sua rica diversidade, pertencem a este ou àquele grupo que se sente diferente ou especial.

O mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar. Em vários países, ressurgem conflitos e antigas divisões que se pensavam em parte superados. Aos cristãos de todas as

comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35). Foi o que Jesus, com uma intensa oração, pediu ao Pai: «Que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia» (Jo 17, 21). Cuidado com a tentação da inveja! Estamos no mesmo barco e vamos para o mesmo porto! Peçamos a graça de nos alegrarmos com os frutos alheios, que são de todos.

Para quantos estão feridos por antigas divisões, resulta difícil aceitar que os exortemos ao perdão e à reconciliação, porque pensam que ignoramos a sua dor ou pretendemos fazer-lhes perder a memória e os ideais. Mas, se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai. Por isso me dói muito comprovar como nalgumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos?

Peçamos ao Senhor que nos faça compreender a lei do amor. Que bom é termos esta lei! Como nos faz bem, apesar de tudo amar-nos uns aos outros! Sim, apesar de tudo! A cada um de nós é dirigida a exortação de Paulo: «Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem» (Rm 12, 21). E ainda: «Não nos cansemos de fazer o bem» (Gal 6, 9). Todos nós provamos simpatias e antipatias, e talvez neste momento estejamos chateados com alguém. Pelo menos digamos ao Senhor: «Senhor, estou chateado com este, com aquela. Peço-Vos por ele e por

ela». Rezar pela pessoa com quem estamos irritados é um belo passo rumo ao amor, e é um ato de evangelização. Façamo-lo hoje mesmo. Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!

Evangelii Gaudium (98 -101) Papa Francisco.

3. Reflexão de São Cipriano de Cartago

A unidade da Igreja Católica, 6-8

A esposa do Cristo não suporta o adultério, ela é incorrupta e púdica. Conhece uma só casa; guarda, com casto pudor, a santidade de um único tálamo. Ela nos conserva para Deus, entrega ao Reino os filhos que gerou. Quem se aparta da Igreja e se junta a uma meretriz separa-se também das promessas da Igreja; quem deixa a Igreja do Cristo não alcançará os prémios do Cristo. É um estranho, um profano, um inimigo. Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe.

Quem estiver fora da Igreja só se salvaria se alguém dos que ficaram fora da arca de Noé tivesse escapado! O Senhor nos admoesta e diz: “Quem não está comigo está contra mim; e quem não junta comigo, dispersa”. Torna-se adversário de Cristo quem rompe a paz e a concórdia do Cristo; ajuntar fora da Igreja é dispersar a Igreja de Cristo.

O Senhor diz: “Eu e o Pai somos um”; está ainda escrito do Pai, do Filho e do Espírito Santo: “E estes três são um”; quem crê nessa verdade fundada na certeza divina e adere aos mistérios celestiais não abandona a Igreja ou dela se afasta por causa da diversidade das vontades que se entrechocam. Quem não mantém esta unidade não mantém também a lei de Deus, a fé no Pai e no Filho, não conserva nem a vida nem a salvação.

Este sacramento da unidade, este vínculo da concórdia, que une inseparavelmente, se mostra no evangelho pela túnica de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não foi nem dividida nem rasgada: dentre os que disputavam por sorte a veste do Cristo,

vestiria o Cristo quem a recebesse íntegra e a possuísse como túnica incorruptível e indivisível. A Escritura divina declara isso dizendo: “Quanto à túnica porém, como era toda sem costura, tecida em uma só peça, disseram entre si: ‘Não a rasguemos, decidamos por sorte para ver de quem será’”. Ela trazia a unidade vinda do alto, isto é, do céu, do Pai, e que não pode ser quebrada por quem a recebe ou a possui, mas ganhada inteira e inseparavelmente radicada em sólido fundamento. Quem rasga ou divide a Igreja do Cristo não pode possuir a veste do Cristo.

Por outro lado, enfim, quando Salomão estava para morrer e seu reino havia de ser dividido, o profeta Aías dirigiu-se no campo ao rei Jeroboão com suas vestes cindidas em doze trapos dizendo: “Tira para ti dez destes trapos, pois diz o Senhor: ‘Eis que divido o reino nas mãos de Salomão; dar-te-ei dez cetros, dois hão de ficar com ele em vista de David meu servo, e de Jerusalém, cidade santa onde colocarei meu nome’”. O profeta Aías rasgou suas vestes porque deviam ser divididas as doze tribos de Israel. Como, porém, o povo de Cristo não pode ser dividido, a sua túnica tecida e coerente não é dividida pelos que a possuem; uma, conjunta e indivisível, mostra a concórdia coesa do nosso povo que vestiu o Cristo. No mistério e no sinal da veste a unidade da Igreja foi manifestada.

Quem há de tão ímpio e perverso, tão tresvariado pelo delírio da discórdia que julgue poder, que ouse dividir a unidade de Deus, a veste do Senhor, a Igreja do Cristo?

4. Pistas de Reflexão

A partir do discurso do Papa Francisco na abertura do Sínodo dos Jovens, 3 de Outubro de 2018:

1. O Sínodo que estamos a viver é um **momento de partilha**. Assim, no início do percurso da Assembleia sinodal, a todos desejo convidar a falarem com coragem e parresia, isto é, aliando liberdade, verdade e caridade. Só o diálogo nos pode

fazer crescer. Uma crítica honesta e transparente é construtiva e ajuda, ao contrário das bisbilhotices inúteis, das murmurações, das ilações ou dos preconceitos.

2. À coragem de falar deve corresponder a **humildade de escutar**. (...) É esta escuta que abre espaço ao diálogo. O Sínodo deve ser um exercício de diálogo, antes de mais nada entre os que participam nele. E o primeiro fruto deste diálogo é cada um abrir-se à novidade, estar pronto a mudar a sua opinião face àquilo que ouviu dos outros.

3. O Sínodo é um **exercício eclesial de discernimento**. Franqueza no falar e abertura na escuta são fundamentais para que o Sínodo seja um processo de discernimento. (...) O discernimento é o método e, simultaneamente, o objetivo que nos propomos: baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro e me falam. Por isso, somos chamados a colocar-nos à escuta daquilo que nos sugere o Espírito, segundo modalidades e direções muitas vezes imprevisíveis. O discernimento precisa de espaços e tempos próprios. Esta atenção à interioridade é a chave para se efetuar o percurso reconhecer, interpretar e escolher.

4. **Deixemos para trás preconceitos e estereótipos**. Um primeiro passo rumo à escuta é libertar as nossas mentes e os nossos corações de preconceitos e estereótipos: quando pensamos já saber quem é o outro e o que quer, então teremos verdadeiramente dificuldade em escutá-lo seriamente.

5. Por conseguinte, é preciso, por um lado, **superar decididamente o flagelo do clericalismo**. De facto, a escuta e o abandono dos estereótipos são também um forte antídoto contra o risco do clericalismo, ao qual uma assembleia como esta, independentemente das boas intenções de cada um de nós, está inevitavelmente exposta. O clericalismo nasce duma visão elitista e excludente da vocação, que interpreta o ministério

recebido mais como um poder a ser exercido do que como um serviço gratuito e generoso a oferecer; e isto leva a julgar que se pertence a um grupo que possui todas as respostas e já não precisa de escutar e aprender mais nada. O clericalismo é uma perversão e é raiz de muitos males na Igreja: destes devemos pedir humildemente perdão e sobretudo criar as condições para que não se repitam.

6. Mas, por outro lado, é preciso curar o vírus da **autossuficiência e das conclusões precipitadas** de muitos jovens. Diz um provérbio egípcio: «Se não houver um idoso na tua casa, compra-o, porque ser-te-á de proveito». Repudiar e rejeitar tudo o que foi transmitido ao longo dos séculos leva apenas àquele perigoso extravio que está, infelizmente, a ameaçar a nossa humanidade; leva ao estado de desilusão que invadiu os corações de gerações inteiras. A acumulação das experiências humanas ao longo da história é o tesouro mais precioso e frável que as gerações herdaram uma da outra; sem nunca esquecer a revelação divina, que ilumina e dá sentido à história e à nossa existência.

7. Esforcemo-nos, pois, por **procurar «frequentar o futuro»** e por fazer sair deste Sínodo não só um documento – que geralmente é lido por poucos e criticado por muitos – mas sobretudo propósitos pastorais concretos, capazes de realizar a tarefa do próprio Sínodo, que é fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender um do outro, e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos e inspire aos jovens – a todos os jovens, sem excluir nenhum – a visão dum futuro repleto da alegria do Evangelho.

Que estas advertências sirvam para um diálogo orientado e fecundo.

Oração dos Padres Conciliares

Ficai connosco, Espírito Santo,
derramai a Vossa bênção no nosso coração.
Ensinai-nos o que fazer,
mostrai-nos o que pensar, mostrai-nos como atuar.
Vós que amais a verdade acima de tudo,
não permitais que desorganizemos o que Vós organizastes.
Que a ignorância não nos conduza ao erro,
que os aplausos não nos iludam,
que o suborno e as falsas cortesias não nos corrompam.
Deixai-nos ficar em Vós e não nos afastemos da verdade.

Amém.

Pe. Hélder Miranda Alexandre

Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal

Atendendo que a Diocese vai iniciar uma nova etapa de vida pastoral que denominamos de caminhada sinodal;

Atendendo que a caminhada sinodal exige a participação de todo o Povo de Deus da diocese através de paróquias, conselhos pastorais, concelhos pastorais, conselhos económicos, sectores diocesanos da vida pastoral, movimentos, organismos católicos, centros sociais paroquiais, escolas de formação cristã de ouvidoria, e grupos informais;

Atendendo que a caminhada sinodal exige uma comissão que elabore, por si ou solicitando a outros, os textos que servirão de guião para a reflexão, que coordene as diversas acções que a integrarão, que proporcione os meios necessários para a sua dinamização de modo que se concretizem os seus objectivos, que recolha as respostas vindas dos diversos grupos e prepare o texto de propostas a submeter à reflexão de cada Assembleia, que proporcione subsídios para a oração e liturgia que coloque todo o povo de Deus em atitude de escuta dos apelos que vêm de Deus;

O Bispo de Angra nomeou em 22 de julho de 2019 a Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal constituída por:

Cónego Hélder Manuel Cardoso da Fonseca de Sousa Mendes, Vigário Geral – Coordenador

Cónego Hélder Miranda Alexandre

Cónego Ângelo de Freitas Valadão Eduardo

Cónego José Medeiros Constância

Cónego João Maria Borges da Costa de Sousa Mendes

Cónego Jacinto Alberto Meneses Bento

Eng.^a Anabela Ferreira Rafael Silveira de Borba

Irmã Júlia Gomes Fernandes

Dr. Aurélio Henrique Silva Franco da Fonseca

Prof. Doutor Alfredo Emílio Silveira Borba

Padre Marco Luciano da Rosa Carvalho

Padre Jacob Fernando Nóia Vasconcelos

CALENDÁRIO 2019 / 2020

SETEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
9	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

OUTUBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4 F
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

NOVEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					F	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

DEZEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
F	2	3	4	5	6	7
F	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	N	26	27	28
29	30	31				

JANEIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
				F	2	3 4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

ABRIL						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	F	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	F
26	27	28	29	30		

MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					F	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

JUNHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	R	2	3	4	5	6
7	8	9	F	F	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

JULHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

AGOSTO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	F
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Coordenação:
Vigário Geral da Diocese de Angra

Paginação e Design:
União Gráfica Angrense Unipessoal, Lda.

Desenho de capa:
Gonçalo Brum

3.500 exemplares
Angra do Heroísmo – Terceira – Açores

Julho 2019